O HYSSOPE

POEMA

HEROI-COMICO

DE

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

PORTO
IMPRENSA REAL
43, Praça de Santa Thereza, 45

1886

O HYSSOPE

POEMA

HEROI-COMICO

DE

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

PORTO
IMPRENSA REAL
43, Praça de Santa Thereza, 45

1886

..... *Ridentem dicere verum*
Quid vetat?

Horat. *lib. 1, Sat. 1.*

.... *Ridiculum acri*
Fortius et melius magnas plerumque secat res.

Horat. *lib. 1. Sat. 10.*

ARGUMENTO

José Carlos de Lara, Deão da Igreja de Elvas, querendo obsequiar o seu Bispo, o Ex.mo e Rev.mo D. Lourenço de Lancastre, vinha offerecer-lhe o Hyssope á porta da Casa do Cabido, todas as vezes que este Prelado ia exercitar as suas funcções na Sé. Depois, esfriando esta amizade, por motivos que nos são occultos, mudou o dito Deão de systema; o que o Bispo sentiu em extremo, como uma grande affronta feita á sua Illustrissima pessoa: e para o obrigar a continuar no mesmo obsequio, maquinou com alguns seus parciaes do Cabido, que este lavrasse um Accordão, pelo qual o Deão fosse obrigado, debaixo de certas multas, a não o esbulhar da pertendida posse, em que se achava. D'este terrivel Accordão appellou o Deão para a Metrópole, onde teve sentença contra si. Esta é a acção do Poema.

Passado pouco tempo depois da refe-

Presumidas a cercão, e se occupão
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa
Escolastica vãa Philosophia,
Que os Claustros inundou,e que abraçarão
Até á morte os perfidos Solipsos,
Daqui sahirão, a infestar os campos
Da bella Poesia, os Anagrammas,
Labyrinthos, Acrósticos, Segures,
E mil especies de medonhos Monstros,
A cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos, se escondêrão
Longo tempo nas grutas do Parnasso,
Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida Burleta, que tyranna
Do Theatro desterra indignamente
Melpomene, e Thalia; e que recebe
Grandes palmadas da Nação castrada.
Do denso Povo, que o paiz povoa,
Uns com prodiga mão ricos thesouros,
A troco d'uma Concha, ou Borboleta,
Ou d'uma estranha Flor, que represente
As vivas côres do listrado Iris,
Dispendem satisfeitos: outros passão,
Sem cessar, revolvendo noite e dia,
Do antigo Lacio antigos manuscriptos,
Do roaz tempo meio-consumidos,
Para depois tecer grossos volumes
Do=H=sobre a pronuncia; ou se se deve
A conjunção unir ao verbo, ou nome,

Que marchão antes d'ella no discurso.
Alguns (misera gente!) inutilmente
Compõem grandes Illiadas, e tecem
Aos vaidosos Magnates, mil Sonetos,
Mil Pindáricas Odes, e Epigrammas,
A que apenas de olhar elle se dignão.
Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastão a curar tres Antyciras,
Abrazados se crêm d'um santo fogo,
E ter commercio com os altos Deoses:
Senhores da aurea fama, e seus thesouros
Se inculcão aos Heróes, e em seus delirios,
Se julgão mais felizes, e opulentos
Que o grande Imperador da Trapizonda;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões, e de improperios,
Dos Ricos ignorantes, e dos Grandes,
Com mófa, e com desprezo são olhados.
D'este pois populoso, e vasto Imperio
Em paz empunha o sceptro poderoso
O Génio tutelar das Bagatellas.
N'um magestoso Alcáçar, que se eléva,
Com estranha structura, até ás nuvens,
Assiste o grande Nume; e d'alli rége
A Lunatica gente a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
E' o largo edificio, que sustentão
Cem delgadas columnas de missanga,
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro torres de lata se levantão,

Do Capricho obra, em tudo, muito prima,
Onde a materia cede muito á Arte.
Aqui pois a Concelho chama o Génio
Do seu Imperio os principaes Dymnastas.
N'um vistoso salão, todo coberto
De papel prateado, e lantejoilas,
Se ajunta a grande Corte: e alli, por ordem,
Assentando-se vai: aos pés do throno,
De alambres, e velorios embutido,
A Lisonja se via, e a Excellencia;
Segue-se a Senhoria, e abaixo d'ella,
O Dom furrado, as grandes cortezias.
O Wisth, o trinta e um, os Comprimentos;
E logo o Vampirismo, os Sortilegios,
Os Sylphos, Salamandras, Nymphas, Gnomos.
E os outros Génios da subtil Cabala.
De mil vãas Ceremonias rodeada,
Os assentos reparte a Precedencia.
Composto o grão rumor, e socegado,
Assim do alto do throno o Genio falla:
«Illustres moradores d'este excelso
Magnifico Palacio, bem sabido
Já ha muito tereis o quanto deve
O meu augusto Genio, a nossa Corte
Ao grão Prelado, que as ovelhas pasce
Dos Elvenses redis; notorio a todos
Sem duvida vos é, como pospondo
Das funcções mais piedosas o cuidado
A's nossas bagatellas, só se emprega

Em cousas vãas, ridiculas, e futeis.
A corrupta, mas real Genealogia,
O roxo tercio-pelo dos sapatos,
As pedras, que lhe esmaltão as fivellas.
A preciosa Saphyra, a linda Caixa,
Onde, sobre-Amphytrite (que tirada
De escamosos Delphins n'uma aurea Concha.
Os verdes Campos de Neptuno undoso,
Cercada de Tritões, núa passeia)
Do famoso Martin o verniz brilha,
Seu emprego só são, e seu estudo.
Em fim, entre os mortaes, não ha quem renda
A' minha Divindade maior culto.
Agradecido pois ao grande empenho,
Que mostra em nos honrar, tenho disposto
Dar á sua vaidade um novo pasto.
Que a uma escusa porta o Deão sáia
C'o Hyssope a esperal o, determino.
D'este meu parecer quiz dar-vos parte,
Não só para escutar os vossos votos,
Mas para que saibais, e fiqueis certos,
Que a corte não fazeis a um Nume ingrato.»
Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio Congresso o seu dictame,
Um sussurro no Conclave se espalha,
Ao do Zephyro em tudo similhante,
Quando nas frescas tardes suspirando;
A bella Flora segue, que travêssa

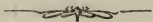
Cá, e lá, entre as flôres, se lhe furta.
Mas a vãa Senhoria, que se lembra,
Que em caza do Deão sempre encontrára
A mais benigna, a mais certa guarida,
Que seu nome na bocca do Lacaio,
Do Cozinheiro, e da ama andava sempre,
A cabeça movendo descontente,
Tres vezes escarrou, e a voz alçando,
D'esta sorte fallou ao grão Despota:
«Soberano Monarca, que Tu queiras
Premiar a quem te honra, empreza digna
E' de teu coração : eu mesma approvo,
E mil vezes dictára este conselho:
Mas que, para o fazer, hoje pertendas
Que um Deão de *Crescente,* e curta vista
A dignidade abata, e a esperar sáia
N'uma porta de escada o seu Prelado,
Nem justo me parece, nem louvavel.
Se Tu queres honrar sua Excellencia,
Outras maneiras ha de conseguil-o:
Na mesma Egreja de Elvas, e Cabido
Ha um Bastos, um Sousa, dous Aporros,
Que, juntos com os Pirras, pódem todos
Inda á mesma commua acompanhal-o,
Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
Lavar-lhe o nédio cu,—e até beijar-lho.
Estes, e outros d'essa mesma estofa,
De que o Bispado quasi todo abunda,
A's costas vão buscar o gordo Bispo,
Que ainda que um pouco péza, vem seguro:

Que são cavallos mestres, e possantes.»
Mais queria dizer o vão Dynasta,
Quando, do seu assento, esbravejando,
Se levanta impetuosa a Excellencia.
O furor que lhe inflamma o grave aspecto
As palavras lhe corta; e principia
Cem vezes o discurso, e logo pára:
Até que n'estas descompostas vozes
Finalmente atroou a grande sala:
« Como! E é possivel que haja quem se atreva,
Neste Congresso, a oppor-se, cara a cara
Aos obsequios, que Tu. oh Nume, ordenas
A uma Reverendissima Excellencia!
Um Deão, c'o seu Bispo comparado
Um cominho não é? Se Tu, oh Nume,
O teu grande projecto não sustentas,
Eu só. . » E n'isto bate o pé na casa.
Ao rijo som da bestial patada
Tremeo o regio solio, e o pavimento.
Assentos, e Assistentes assustados
Cahirão pela terra. Então o Génio
Alçando um pouco a voz: «Basta (lhe disse)
Eu disputas não quero em meu Concelho.
Minha resolução está tomada:
Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho;
E o que escrevo huma vez, nunca mais borro.»
Aqui, c'o rosto um pouco carregado,

O Conclave despede; e logo chama
A vistósa Lisonja, que n'um ponto
Cem caras, cem vestidos, cem figuras,
Cem linguas toma, e muda brevemente
De palavras, e tom, segundo o gosto
Dos que o governo tem, e assim lhe falla:
«Magnate principal da minha Corte,
Eu, para executar este projecto,
Entre todos te escolho: diligente
Parte cumpril-o; pois de tuas artes,
E de ti só confio a grande empreza.»
Acaba; e mais veloz que a leve séta
Parte do Itureo arco, ou na alta noite
Cahir se vê do Ceo brilhante estrella,
Vôa o falso ministro, abrindo os ares.
Junto da bocca do cruel Averno,
A Provincia se vê da Dependencia,
Cujos Campos retalha, murmurando,
Um pequeno ribeiro de agoa turva.
Não cria em suas margens tronco altivo;
Mas só hervas humildes, e rasteiras
Produz o seu humor; se algum arbusto
Mais viçoso rebenta, as suas folhas
Tem para a terra todas inclinadas.
Funesto influxo do licor maligno,
Que o suco lhe ministra! Aqui, voando,
A Lisonja chegou; e enchendo de agoa
Uma pequena enfusa, que trazia,
As azas abre, parte alegremente,
Fendendo os leves ares; mil Cidades,

Mil povos deixa a traz, até que chega
Da famosa azeitona á grande Terra.
Aqui, tomando a forma do Lacaio
Do farfante Deão, entra na casa,
A tempo, que de chambre, e de chinellas,
Pela comprida sala passeava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
De quando em quando sua Senhoria,
Ora á janella chega, e applicando
Uma pequena lente á curta vista,
O que passa na Praça vigiava;
Ora arrotando, para dentro torna.
Ardia então em calma toda a terra,
E o calor, que as goelas lhe seccava,
Lhe faz bradar por agoa, e caramélos.
A Lisonja, que idoneo tempo vira
Para tamanha empreza,um copo enchendo
Da turva Lympha do regato impuro,
Com quatro caramélos, n'uma salva
Lhe levou mui lampeira; elle sorvendo,
Com muita mogiganga o fofo assucar,
Os dedos lambe, e logo o copo vaza
Do maligno licor dentro na pansa.
Acabou de beber : e pouco a pouco
O veneno se actua dentro na alma.
Uma chamma subtil, um vivo fogo
Lentamente se ateia: arde em desejos
De ir o Bispo buscar, de offerecer-lhe
O mais activo incenso; mil obsequios
Na cabeça lhe rolão, e o transportão :

Da tarde em todo o resto não socega,
Nem na profunda noite estas ideias
O deixão descansar um só momento:
Sobre os fofos colchões revolve o corpo,
Mil maneiras pensando de adulal-o.
Umas vezes lhe lembra debuxar-lhe
Em dourado papel sua prosapia,
Mas de Genealogia nada entende
O triste, por seu mal: outras lhe occorre
Ir calçar-lhe os sapatos: com inveja
Olha do illustre Almeida a feliz sorte,
Que os pratos, e a bebida lhe ministra.
Da noite a maior parte assim consome
N'estes projectos vãos;e em nada assenta.
Até que, junto ao toque da alvorada,
A Lisonja, tomando a leve fórma
D'um doce sonho, apenas cerra os olhos,
Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,
E assim lhe falla: «Oh grande Dignidade,
Cabeça illustre do Cabido Elvense,
Se do teu alto engenho hoje pertendes
Dar ao mundo uma prova, humildemente
Tomando o bento Hyssope, á porta nova,
Com elle, o teu Prelado, prompto espera.
Honrar nossos Mayores cousa é santa,
Que a Natureza inspira: da Syntaxe
O Cartapacio diz, que mais illustres
Seremos, quando formos mais humildes.
N'este ponto acordou o Prebendado;
E vestindo-se á pressa, á Igreja corre

Sem fazer oração, o Hyssope toma,
E com elle, na porta sinalada,
Sua Excellencia espera: alli apenas
Da liteira assomou o grande macho,
Por terra se prostou, e d'esta sorte
Ao Pastor,que se apeia,oHyssope offerece,
Que uma santa vaidade respirando,
N'elle alegre pegou, e o sacro Asperges
Circumspecto lhe lança; em si cuidando,
Que todo este profundo acatamento
A seu illustre berço era devido;
E n'estas vãas ideias engolfado,
Foi devoto cantar a grande Missa.

CANTO II

Reinava a doce paz na santa Igreja;
O Bispo, e o Deão, ambos conformes
Em dar, e receber o bento Hyssope,
A vida em ocio santo consumião.
O bom vinho de Malaga, o presunto
Da celebre Montanche, as Gallinholas,
As Perdizes, a Rola, o tenro Pombo,
O grão Chá de Pekin, e lá da Méca
O cheiroso caffé, em lautas mezas
Do tempo a maior parte lhes levavão;
E o restante jogando exemplarmente,
Ou dormindo passavão, sem sentil-o.

Em tanto a Senhoria, em cujo peito
Altamente ficou depositada
Da soberba Excellencia a petulancia,
Mil vinganças na mente revolvendo,
Comsigo mesma diz: «Que! Por ventura
Não sou Eu a sublime Senhoria,
Idolo de Pelões, e de Casquilhos?
Quantas Moças gentis, em cujos rostos
Entre Lirios brilhar se vem as Rosas
A meu culto não rendem seus cuidados?
Quantos graves Varões, que sobre os livros
Ou de cans sob os elmos se cobrirão?
Nas ricas, e faustosas assembléas
Não tenho porta franca? Não me fazem
Os circumstantes todos mil lisonjas?
Não correm apoz mim? não me festejão?
Pois como soffro que a Excellencia altiva
A seus pés me derrube, e me atropelle?
Que triunfe de mim impunemente?
Ah! se esta injuria soffro, com despreso
Entre a gente será meu nome ouvido:
Nem em casas armadas de damasco,
Ou de panos de raz, onde espumando
Na rica transparente porcelana,
De Caracas se serve o Chocolate,
Roda o Chá, o Caffé, se joga o Wisth,
Terei como costumo, entrada livre:
E sómente nas lojas dos Barbeiros,
Ou pintadas boticas, entre as moscas,
A vida passarei triste, e sem honra.

A's armas pois corramos, e á vingança;
Que desmaiar á vista dos perigos
E' de animo abatido indicio certo.
Mil artes, mil maneiras de vingar-me
Buscará minha astucia. O mundo inteiro
Hoje conhecerá minha potencia.»
Disse: e sobre o veloz dourado carro,
Que tirão seis Pavões, irada sobe,
Levemente rasgando o ar sereno.
Nas entranhas de Rhodope escabrosa
Uma furna se rasga, tão medonha,
Que um gelado tremor, á sua vista,
Dos timidos mortaes os ossos corre:
Aqui lutando sempre em viva guerra,
Rugem mil furacões de oppostos ventos:
Aqui se ouvem silvar horrendamente
Gorgones, e Cerastes: a Discordia
Aqui morada tem, aqui seu trono.
A este horrendo hospicio a Senhoria,
Batendo as redeas ás pomposas aves,
Guia o soberbo Carro, espavorida
Da triste vista do medonho alvergue.
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas aves o soberbo tiro,
E tres vezes o Genio vingativo,
Sacudindo raivoso o longo açoute,
O constrange, por fim, a tomar terra.
Alli do carro desce, e as palpadélas,
Pela cega Caverna entra animosa.
No mais profundo da sombria estancia

Assiste a cruel Deosa, cujo rosto
Apenas se divisa, á luz confusa,
Que espalhão, respirando de continuo
Por olhos, e gargantas, cem Serpentes.
Aqui o Genio chega; e derribado
Pela terra, que beja humildemente,
D'esta sorte fallou: «Nume terrivel
Cujo grande poder, cuja vingança
A Terra faz tremer, e o mesmo Olympo;
A teus pés hoje chega a Senhoria;
Atrozmente ultrajada, o teu soccorro
Contra a féra Excellencia humilde implora;
Se de peitos illustres gloria, e timbre
Foi sempre proteger os desvalidos,
Tu me vale em meus males, Tu castiga
D'um Genio insultador a petulancia.
Além d'isto presumo, não ignoras,
Que o farfante Deão da Igreja de Elvas,
Esquecido da sua dignidade,
N'uma porta travessa, o bento Hyssope,
Pela baixa lisonja persuadido,
Vem, sem brio, offerecer ao gordo Bispo.
D'aqui nasce a Concordia, que hoje reina,
Em desprezo da tua Divindade;
Na mesma Igreja o Ocio, e a Preguiça,
De teu poder zombando, n'ella habitão.
Tu mesma, se o meu pranto te não móve,
Para credito teu, perturbar deves
Esta serena paz, que o Ocio nutre.
Tu pôdes, se te agrada, a um só aceno,

No seio da familia mais conforme,
Dissenções semear, motins, e bandos,
Banhar no fraternal sangue innocente
O buido punhal; e n'um momento
A Terra confundir, e o Mar profundo:
Mil Fraudes, mil Ciladas, e mil Tramas,
Como Escravas fieis, promptas te servem;
Do Deão fascinado pois desperta
A innata presumpção, o genio altivo.
Tu faze, que conheça o desar grande,
Em que cahido tem, e se arrependa
Do baixo incenso, que á Lisonja rende.
Tu lhe traze á memoria, que seu nome,
Seu nome illustre, na futura idade,
Dos Deões no catalogo, com mofa
De todos os vindouros será lido;
Sabendo-se, que a tanto abatimento
Seu spirito chegou; Tu furiosa
Os animos altera, e a paz desterra.»
  Disse: e o tyranno Nume respirando
Das entranhas um negro, e vivo fogo,
Desta sorte responde: «Bem conheço,
Oh nobre Senhoria, quanto devo
A teu soberbo influxo; quantas vezes
Auxiliado tens minhas Cabalas.
Sei que, por teu respeito, se não falla,
Na Terra, muita gente, as muitas mortes
De que authora tens sido. Não me esqueço
Do que devo aos amigos. Vai segura,
Que eu já parto a vingar tuas affrontas.»

Aqui, sobre um feroz Dragão montando,
Rapidamente vôa: incendios, mortes,
Sacrilegios, traições, roubos, ruinas
Vai deixando a Cruel, por onde passa.
Chega dos Elvios á Colonia antiga,
E vendo de passage os Dominicos,
Entre o Prior, e os frades mil disputas
Sobre o Chá,sobre o Jogo,e sobre osDoces,
Que aos Tafues,com mão larga,dá na sella,
E sobre os trastes,que ásSenhoras manda,
Tyrannamente excita: alguns gritavão
Que o Convento roubava, que a Clausura,
E religiosa vida se perdêra:
Outros, cheios de cólera, gritavão,
Que por jogar o Wisth, e dar merendas,
As rendas dissipava do Mosteiro:
Que por isso, no santo Refeitorio,
A Fome cruelmente os consumia.
Mas o santo Prelado, todo cheio
De exemplar paciencia, e de modestia,
Vociferar os deixa,—e vai jogando.
Entre tanto a Discordia encara a porta
Do grande Presidente do Cabido,
A tempo que estirado, a perna solta,
Sobre um molle Sofá, dormia a sesta.
Roncava mui folgado, e cada ronco
A grande sala estremecer fazia.
Alli, encarquilhando o feio rosto,
Um Rosario tomou, e na figura
Da velha, e carunchosa Ama se torna:

Assim, a lentos passos caminhando,
Ao Conego chegou; assim o accorda:
«Como em tão doce paz assim repousa,
Dórme, e descansa vossa Senhoria?
Ao mesmo passo, que na Terra toda
Do seu nome se faz ludibrio, e mofa?
Como (discorrem uns), como é possivel
Que o bom Capitular, que vio o Papa,
Que em Roma conversou com o Datario,
E do sacro Palacio com o Mestre,
Que joga o Trinta e um, e mais o Wisth,
Que Chá, e que Assembléa dá em Casa,
A tanto abatimento hoje chegasse,
Que á porta da commua o Hyssope traga
Para offerecel-o a um Bispo de má morte?
Outros dizem:—Parece cousa incrivel,
Que a principal figura do Cabido,
Que tem lôba de seda, e trouxe ás costas,
La da famosa Italia a Senhoria,
Tanto de si se esqueça, e do seu cargo?—
E Vossa Senhoria, ao Ocio entregue,
Dorme profundamente? Acorde, acorde
Desse molle lethargo, que é já tempo:
Veja o que deve a si, aos seus Maiores,
A' Grande Dignidade, que, brilhando
Com seus rayos, o cerca magestosa;
E deixe a vil lisonja, que o arrasta.»
Aqui, os turvos olhos esfregando,
O Deão abre a bocca, estende os braços,
A cabeça levanta, e desta sorte

Ao Monstro enganador irado falla;
«Que frenezi é este, Velha tonta?
Está fóra de si? ou bebeo vinho,
Que o miolo lhe faz andar á roda?
Reze nas suas contas. Quem a mette
Em cousas a fallar, que não lhe tocão?
Vá-se logo d'aqui ..» Nestas palavras
Outra vez, sobre o molle travesseiro
A pezada cabeça cahir deixa.
Então a cruel Deosa, ardendo em ira:
«Pois não queres de grado (lhe tornava)
Por teu brio acudir, a minha força
Agora provarás.» Isto dizendo,
A furtada figura prompta despe,
As hydras arrepella da cabeça,
E cheia de furor, uma arrancando,
No seio do Deão, feroz a lança,
E subito pelo ar desapparece.
Em tanto a cruel hydra a cauda ferra
Do Conego nas miseras entranhas
Em Delphos a famosa Pythonissa,
Toda agitada d'um furor Divino,
Não geme tão convulsa, tão raivosa,
Não corre, não retorce os vivos olhos,
(Não podendo soffrer a Divindade)
Como o pobre Deão do Sofá salta;
Correndo furioso toda a sala,
«Armas, armas (bradava),guerra, guerra.»
A estas vozes acode diligente,
Da Casa toda a gente, e presumindo,

Que algum grave accidente lhe roubára
De todo o pouco sizo, pegão nelle,
E por força o levárão para a cama,
Onde a cru cachação, a murro seco,
Lhe fizerão cessar parte da raiva.

CANTO III

Era dia de festa, e na alta torre
Da grande Cathedral de vinte sinos,
O grave Carrilhão, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande Missa :
Quando sua Excellencia vigilante;
Montando a gram Liteira, em que se via,
Com modestia exemplar, Venus pintada
Sobre hum globo de tenros Cupidinhos,
Qual ao mancebo Adonis, ou a Páris,
Na Idalia selva já se apresentára,
Para a Sé lentamente se encaminha.
Tu, jocosa Thalia, agora dize
Qual seu espanto foi, sua *surpresa,*
Quando á porta chegando costumada;
Nella o Deão não vio, não vio o Hyssope.
Tanto foi da Discordia o féro influxo !
Caminhante, que vê subito raio,
Ante seus pés cahir, ferindo a terra,
Tão suspenso não fica, tão confuso,
Como o grave Prelado : a côr mudando,

Um tempo immovel fica; mas a raiva
Succedendo ao desmaio,entra escumando
Na grande sacristia, e d'alli passa
Para o Altar mór, aonde se reveste,
Onde, como costuma, em contrabaixo,
Sem saber o que diz, a Missa canta,
Toda aquella manhãa uma só benção
Sobre o Povo não lança, antes confuso
Em profundo silencio a Casa torna,
Onde logo a Concelho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla :
«Amigos, Companheiros, que o Destino
Fez do meu mal, e bem participantes,
O caso sabereis mais execrando,
Que até hoje no mundo se tem visto.
O Deão...» (E aqui dando um grão soluço,
Em pranto as negras faces todas banha)
Suspenso um pouco fica, e logo torna :
«O soberbo Deão, que sempre attento
Ao meu alto decóro, o santo Hyssope
Vinha trazer-me á porta do Cabido,
Hoje não só deixou de vir render-me
(Ah! que não sei de nojo, como o conte!)
Este obsequio devido ao real sangue,
Que nas veias me pulsa heroicamente;
Mas, na sua Cadeira empantufado,
Os Psalmos entoava, em mim fitando
A carrancuda vista : de tal sorte,
Que mostrava insultar-me, com desprezo.

A raiva, e o grão furor, que a alma me
occupão
Me tem fóra de mim : não sei que faça
Para vingar tão grande, e atroz delicto.
Vós conselho, vós artes, vós maneira.
(Pois a vós tambem chega a grande affronta)
Me dai para punir este atrevido...»
Disse : e um grande Lacaio da liteira,
Famoso Rodamonte das tavernas,
A voz tomando a todos, desta sorte
Seu conselho propoz :» Tão grande caso,
Senhor, se leva a páo: eu tenho um raio
De sege, ha muito já exp'rimentado
Em funções similhantes, eu com elle
De sua Senhoria tal vingança
Hoje espero tomar, que de escarmento
A todos sirva...» Aqui o grande Almeida,
Gentil homem da Camara, e da Boca,
Homem de Gabinete, e de Conselho,
Bom Poeta, Orador, *Petrus in cunctis,*
Que góza do Prelado a confidencia,
O discurso lhe atalha deste modo:
«Se este horrendo, execravel attentado,
Ao vêl-o, digno de que o sol brilhante,
Os rubidos Cavallos affastando,
Corresse a mergulhar-se eternamente
Nas voragens da noite mais espessa,
Se houvesse de levar por força, e armas,
Eu armas, coração, e forças tenho:

Mas violentos remedios só se applicão
Em mal desesperado; isto supposto,
Astucia, e mais astucia se precisa:
Que onde reina a Prudencia nada falta.
Vossa Excellencia conta no Cabido
A muitos parciaes, e lisongeiros;
Estes pois, sendo a Conclave chamados,
Poderão sustentar o seu partido,
E obrigar que o Deão faça por força
O que fazer recusa voluntario.»
A estas vozes, babando-se de gosto,
O Prelado exclamou: «Oh raro engenho!
Meu poder, minha força, e meu conselho,
O teu voto me praz: seguil-o quero.
Chamem-me logo logo o douto Andrade,
O Grão Penitenciario, o seco Marques,
E o jantar se prepare promptamente.»
Já na soberba meza cem Terrinas,
O vapor mais suave derramando,
A insaciavel Gula provocavão,
Quando chegão ao cheiro os Convidados,
Que feitos os devidos cumprimentos,
Sem distincção, em torno se assentárão.
Começão a chover logo os manjares,
Cem Perdizes, cem Pombos vem voando,
Cem especies de môlhos, cem de assados,
Grandes Tortas, Timbales, pasteis, cremes,
Cóbrem com symetria a grande mesa:
A cabeça não falta de Vitella,
Nem do gordo animal a curta perna,

Cozida em branco leite, ou doce vinho.
Mil frutas, mil corbelhas, mil compotas
A terceira coberta logo adornão;
E em dourados cristaes,oh louçãoBaccho.
De tuas plantas brilha o roxo sumo,
Entre tanto na porta do Palacio,
A cem pobres o Bicho da Cosinha,
Por ordem do Pastor caritativo,
Um Caldeirão de caldo repartia.
Entre os cópos, que em torno sempre
girão,
Brevemente propoz o gordo Bispo
Aos bons Capitulares seu projecto,
Que todos approvárão, e alli jurão,
Pelo doce licôr, que impetuoso
Pelas veias, e cérebro lhes corre,
De o sustentar = até darem as vidas
Por vêl-o felizmente executado.
Assim da lauta meza entre as delicias
Largas horas passarão docemente :
Em um queijo de Parma inda roia
A alegre Companhia, pastejando,
Quando das santas Vesperas, na torre,
Fez sinal, o relogio, descontente.
Ao triste som do aborrecido sino
Se levantão em pé os Prebendados,
E fazendo uma longa reverencia,
Correm velozes, por fugir da multa,
A ganhar no alto Côro os seus assentos,
Alli mesmo, primeiro que rezassem,

A seus sabios Collegas propuzérão,
Que para resolver certo negocio
De maior interesse ao grande Corpo,
Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
Em que o Deão da Terra se ausentava,
Se ajuntasse o Cabido. Na proposta,
Sem nenhum discrepar, todos concordão;
Engrolados os Psalmos, para Casa
Cada um se partio, em si pensando
Qual seria o negocio, que obrigava
O Cabido a chamar. Alguns julgavão,
Que a pia da agua benta se mudava:
Outros, cheios de gosto presumião,
Que para se vender mais caro o trigo,
Que no commum Celleiro se guardava:
Algum Celeste arbitrio se encontrára,
  Mas o famoso Bastos, d'outra sórte
Comsigo discorria:» Certamente,
Para nos distinguir da baixa plebe
Dos vís Beneficiados, desta feita
(E como se ufanava !) se nos manda,
Que de verde forremos as batinas ;
E que Chapeo azul, com bordas brancas
Tragamos na cabeça.» N'este ponto,
Em si proprio, de gosto não cabendo,
Pulava para o ar, batia as palmas.
Não de outra sorte o misero mendigo,
Que sonha achar thesouros soterrados,
Se alégra, salta, e folga, e se imagina
Igual ao grão Sophi da rica Persia,

Que o vão Capitular, que já se pinta
Na sua extravagante fantasia
A par do grão Lamá, no fausto, e pompa,
Ou do féro Muphti dos Musulmanos.
  Cheio destas ideias entra em Casa,
E para dar seu voto na Assembléa
Com mais legalidade, pedir manda
Ao Rabulá do Cêa alguns Authores,
Que os Canones sagrados commentárão.
O douto Accursio, todo satisfeito
De poder grangear um Prebendado,
Esperando medrar por esta via,
E vestir alguma hora a rôxa murça,
Digno premio das suas gordas letras,
Lhe envia o Bertachino, o grande Granha,
Tamborino, Escolano, Spada, e Pichler.
Meninas de seus olhos, flor, e honra
Da rançosa, indigesta Livraria.
O bom Conego, vendo os grossos tomos,
De prazer em si proprio não cabia,
Julgando, pelo vulto dos volumes,
Que seria qualquer Author de arromba;
E sem demora ordena, que lhe tragão,
Para um vóto lançar, que similhante
Nas Decisões da Rota não se encontre,
Papel de Hollanda, penas, e tinteiro;
E para que completo em tudo fosse,
A Roda da Fortuna, e Cristaes d'alma
Trazer manda tambem, fazendo conta
De, em partes, lhe cirzir alguns pedaços,

Que encantado o deixárão, quando os lêra.
Isto ordenado, para a banca chega,
O lenço tira, o grosso monco assôa,
Tóma tabaco, escarra, os livros abre,
E a folhear começa; porém vendo
Que nada entende do que está escripto,
Para a Ceia se chega, e enchendo a pansa,
Se foi a repousar no brando leito.
Já a rosada Aurora, derramando,
Do candido regaço, sobre os prados,
Mil orvalhadas flores, despertava
Com a tremula luz de sete côres,
Os miseros mortaes a seus trabalhos;
Quando, na grande sala do Cabido,
Se ajuntão os zelosos Prebendados,
E tomando, por ordem, seus assentos,
Depois de hum breve espaço de silencio,
Se alçou o grande Abreu, com rosto grave,
E feita huma profunda reverencia,
D'esta sórte fallou: «Cabido illustre,
Exemplar de Cabidos, e virtudes,
Bem sabe vossa illustre Senhoria,
Que goza felizmente a distincta honra
De ter por Chefe, por Pastor, e Bispo
Um ramo do Real Portuguez Tronco:
Tambem sabe, que a gloria da cabeça
Aos mais membros se estende: e além disto
Occulto lhe não é quanto se empenha
Em honrar sua sé este Prelado.
Tu, santa Quarentena, tu o dize;

Pois viste a importantissima reforma,
Que em nossas grandes Capas fez zeosol
Este grande Prelado, não soffrendo,
De seus Capitulares em desdouro,
Os antigos franjados alamares,
Que a moda já ridiculos tornora.
Deixo por ora de fazer memoria
D'outras grandes acções, em que seu zelo
Por nós, brilhar se vio: e só não posso
Em silencio passar aquella rara,
Grande, e quasi real magnificencia,
Com que sua Excellencia foi servido,
A muitos membros d'este grave Corpo,
Uns Capitães fazer, outros Tenentes,
Alguns Alferes, Ajudantes outros,
Este Major, Sargento, e Cabo aquelle,
Quando a Furia infernal da voraz Guerra,
Rompendo as portas do espantoso Averno,
Desbocada sahiu, o ferro, e fogo
Nas garras sacudindo; e furiosa,
Depois de ter corrido largo tempo,
Com sanguinosa planta toda a Europa,
Em Portugal entrou ameaçando,
De um estrago fatal, nossas Prebendas:
Nem o raro valor, com que seguindo
De seus Avós as inclitas façanhas,
Ao som da Caixa, e Pifaros, na frente
Da brava Ecclesiastica falange,
Coronel General dignou chamar-se:
Acção, por certo, digna de ser lida

Com letras de ouro, na Gazeta da Haya,
Ou nas folhas volantes, que em Lisboa
Os cégos apregoão pelas ruas.
Estas razões, Senhores, nos obrigão
A olhar, como propria, a honra sua.
Ella ultrajada se acha indignamente
Pelo altivo Deão; pois costumando
(Nós testemunhas somos, nós o vimos!)
Vir humilde esperar o santo Asperges
A' porta deste Alcaçar, de repente,
Mudando de systema, hoje refusa
Este obsequio render, este tributo,
De tão altas virtudes merecido:
Turbando injustamente em sua posse
O grandioso Prelado. Este despreso,
Esta pois tão atroz, e negra injuria,
Que em menoscabo seu,nas nossas barbas
Se fez ao seu caracter, nós devemos
Promptamente vingar. Sim, consultemos
Os Canones sagrados, e vejamos
A fórma, o módo.» Então o Ramalhete,
Theólogo chapado, e Canonista,
Que o Dialectico Pharo de cór sabe,
Que de santo Thomaz tem lido a Summa,
O Gonet, Busembaum,Lacroix,Guimenio,
Que sabe decidir magistralmente
A famosa questão,—se um Burro póde
O Baptismo beber, ardendo em sede,
Que argumenta nas Theses dos Capuchos,
E inchando do pescoço as cordoveias,

Infere, grita, prova, e nada colhe ;
A voz alçando grave, e magestosa,
N'esta fórma votou : «Lavrar-se deve
Um terrivel Accordão, que de exemplo,
Da Historia nos annaes, a todos sirva:
O farfante Deão seja obrigado,
Delle em virtude, a desistir da força
Que ao bom Prelado faz na sua posse,
Fulminando-lhe multas, e outras penas.
Este Cabido tem authoridade
Para o fazer: em muito bons Authores
Assim o tenho lido; este é o meu voto.»
O Bastos, neste instante, homem versado
Na lição de Florinda, e Carlos Magno,
Quiz metter seu bedelho: mas Andrade,
De seu discurso não fazendo caso,
Do douto Magistral o voto apôia
Com mil textos que aponta a troxe moxe:
No Sexto, Decretaes, e clementinas,
Capitulos inteiros terminantes,
Para proval-o encontra ; e a outra turba,
Que c'o queixo cahido os escutava
Arqueando, de pasmo, as sobrancelhas,
No que dizem os dous prompta concorda.
Em vão o Thesoureiro, em vão o Chantre,
Homens austéros, que adular não sabem,
S'oppõem tres vezes ao sinistro Acordão:
Que a Lisonja astuciosa, que voando
Sobre suas cabeças, invisivel,
Os seus votos inspira, faz que todos

A callar-se os obriguem, murmurando:
E levados da força da torrente
Assignárão tambem o vão Decreto.

CANTO IV

N'uma caza de Campo, descuidado
Entre tanto, passava alegremente
O farfante Deão os longos dias
Em que Phebo insoffrido, unindo as furias
A's que raivoso vibra o Cão Celeste:
Abraza as calvas terras Trastaganas,
Quando oMonstro veloz,que por cem olhos
Todas as cousas vê, e as cousas todas
Por cem bocas,cem linguas palra,e conta,
Com cem azas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe leva a cruël nova
Do barbaro Decreto. Em paz serena
Então jogando sua Senhoria
Ganhava um real rober: mas apenas
As orelhas lhe fere o infausto aviso,
Quando subitamente lhe cahirão
Das mãos as Cartas. Pallido, e suspenso
Largo espaço ficou.—Não de outra sorte
Immovel fica, que o mancebo ardido,
Que seguindo no Campo,com seus galgos,
O sagaz animal, subitamente,
Ante os pés do cavallo, vê a terra

Em profundos abysmos despenhar-se.
Mas das potencias recobrando o uso,
Que o subito desgosto lhe embargára,
Escumando de raiva, entre si disse:
« Pois não querem a paz, haverá guerra,
Vós, santos Ceos, e Tu, Astro brilhante,
Que o dia trazes, e que o dia levas,
E que eu nascer não vejo ha longos annos,
Vós testemunhas sois, se eu pertendia
Mais, que em paz desfructar minha Prebenda,
Comer, jogar, dormir, e divertir-me.
Mas já que tu, oh Bispo revoltoso,
E teu infame, adulador Cabido
A mudar me obrigais com vis Cabalas
De tão santo proposito,—até onde
Chega dos Laras o valor, e o brio
Desta vez provareis.» Isto dizendo,
Levanta-se furioso: e sem respeito
Ao real Rober, que ganhado tinha.
(Tanto póde a paixão no peito humano !)
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente
Foi sempre á Senhoria andar á pata,
Ao caminho se pôz, aos ilhaes dando,
Suando, e merencorio entrou em Casa.
Alli, sem socegar, ora passeia
Pela comprida sala, ora se assenta,
Ora comsigo falla. Em vão a mesa
Os criados lhe põem; em vão os gordos,
E tenros Perdigotos, a salada,

A fruta, o vinho, os doces o convidão;
Que, sem ceia, esta noite foi deitar-se.
Alli a molle pluma se lhe torna
Em duro campo de cruel batalha,
Mil cuidados o investem, seu decóro
Atrozmente offendido, a todo o instante,
A' memoria lhe vem : ora d'um lado
Os lassos membros vólve, ora do outro :
Suspira, tósse, escarra, e abrindo a Caixa
Toma o insulso rapé, e não socega.
A triste Senhoria, que chorando
A deshonra commum, aos pés do leito,
Companhia lhe faz, compadecida,
Do seu desasocego, veloz parte
A trazer-lhe um pezado, e doce somno.
Entre as rochas do Bosforo Cimmèrio
Uma gruta se vê, onde não entra
Jámais a luz do Sol, sombria alcôva,
Onde, em triste lethárgo submergido,
Repousa o Deos do somno, coroado
De brancas perguiçosas dormideiras :
Em torno ao torpe albergue não se escuta
Com seu canto chamar o esperto Gallo
Da Aurora a clara luz: nem na alta noite
Ladrar raivosos cães; mas só murmura
Um placido ribeiro, que respira,
Com o surdo rumor, paz, e descanso.
Outros menores somnos, fertil próle
Do indolente Morpheo, alli assistem.
Tanta espiga não doura a fertil Ceres

No caloroso Estio, tantas flores,
Na fresca Primavéra, pelos prados
Fecunda não produz a Madre Terra,
Quantos alli se vem, todos diversos
De genios, de costumes, e de figuras:
Uns de lugubre aspecto, outros de ledo,
Muitos pezados são, muitos são leves;
Estes, entre vãos sonhos, de continuo
Pela escura Caverna andão voando:
Os olhos tem cerrados, e dormindo,
De mil hervas lethargicas o succo
Expremem d'entre as mãos; calladamente
Aqui se chega a triste Senhoria,
E um d'elles, pelas azas agarrando,
A Casa do Deão, comsigo o leva,
Que urrando de desgosto, não dormia:
Mas mal o lumiar tocão da porta,
Quando o humor somnolento derramando,
Do somno pelas mãos, aos olhos chega
Do desperto Deão, que logo os cerra,
E a resonar começa docemente.
  Então o Genio em sonhos lhe apparece,
E fallando com elle assim dizia:
«Que é isto, illustre Lara! Assim desmaia
Teu forte coração! Como é possivel,
Que quem pôde soffrer o grave aspeito,
Em Roma, das maiores Personagens,
Sem susto, sem temor, hoje esmoreça,
Perca toda a constancia, trema, e géle,
Só á vãa ameaça d'um Cabido,

A quem faltou em ti alma, e cabeça?
Animo pois, valor, e segurança,
Que o Campo cederão os inimigos.
N'esta Cidade tens discretas pennas,
Tens de Serpa o Auditor, que o velho Accursio,
E Bartholo o famoso só despreza,
Porque idolatras forão, e adorárão
A Jove, Marte, e Juno, divindades
A quem aras ergueo o Paganismo.
O Cêa tens tambem, tens o Fernandes,
Oraculos de Astrea, que seu dente
Em Canones tambem mettem ousados;
Estes consulta, e segue os seus dictames,
Para o orgulho abater de teus contrarios.»
«E tu, quem és, Espirito Celeste,
(O Deão encantado, lhe pergunta,
Da graça, que no rosto lhe scintilla)
Que a consolar-me vens nos meus trabalhos! »
« Eu sou (Ella lhe torna) a Senhoria,
A quem, com tanto extremo, tu adoras.»
A estas vozes, da Cama salta fóra.
Por terra se lhe prosta, e bate os peitos;
De gosto doces lagrimas derrama:
Beijar-lhe quiz os pés; mas n'este instante,
Ella desapparece, e elle acorda.
Já o sol, esmaltando com seus raios
A alegre terra, entrava ás furtadélas,
Das cerradas janellas pelas fisgas,

E as importunas moscas começavão,
Com seu lento susurro, e com os curtos
Aguilhões, que nas caras lhes cravavão,
Os poltrões a acordar, que inda dormião:
Quando o nosso Deão, todo engolfado
Na Celeste visão, se veste alegre,
As meias *gris de fer,* e mais as luvas,
A Casaca de seda, e mais a Capa,
Em sinal de prazer, preparar manda,
O Crescente penteia, e todo guapo,
E do pó sacudido, sahe de Caza.
  Ha d'Elvas na Cidade um Escriptorio,
Onde assiste a Trapaça, e o Pedantismo.
Alli os feios monstros consultados,
Do gritador Fernandes pela bocca,
Suas respostas dão á rude plebe.
Aqui o Reverendo Prebendado
Seus passos encaminha, e aqui chega,
A tempo, que de Chambre, o novo Cayo
A um rude Camponez, que o consultava,
D'uma fraca jumenta sobre o escãibo
Com outro seu visinho, respondia:
Mil livros tem abertos, e mil textos
Em latim, *ad formalia,* lhe repete.
Mas se o rustico d'elles nada entende,
O Doutor muito menos entendia:
«O seu caso (lhe diz) proprio, escarrado
N'este livro aqui temos, vá seguro,
Que, a seu favor, terá final sentença.»
N'este momento sua Senhoria

A' porta chega, e o grão Consulto, ao vel-o,
Logo o rustico deixa, e vai buscal-o.
A' parte se retirão: e no caso,
Que o Deão lhe propõe, ambos conferem,
Aqui a livraria vem abaixo:
De poeira huma nuvem se levanta,
Que sahe dos velhos, e traçados livros:
Em vão sacode os punhos, e a Casaca
O bom Deão; que quanto mais sacóde,
Mais poeira dos livros vem cahindo.
Lê, e relé o grão Jurisconsulto,
E depois considerando, assim conclue;
« A' Metrôpole vossa Senhoria
Deve logo appellar. Isto me ensinão
Os Doutores, Senhor, que tenho lido.»
—Inda assim (replicou o fôfo Lara)
Veja vossa mercê sempre o que dizem
No ponto Van-Espen, Dupin, Bartholio.
Estes livros louvar, e seus Authores
N'uma douta Assembléa tenho ouvido.—
«Que Van-Espen, Dupin, ou que Demonio?
(Disse o Consulto então escandecido)
Esses nomes jámais, esses escriptos,
Nem ouvi repetir, nem meu Peculio
Com elles uma voz alléga, e prova:
Sem duvida serão d'alguns Hereges.
Aqui temos o bom Panormitano,
Em grande letra Gothica, os Fagnanos,
Valenças, Belarminos, Anacletos:

Estes sim, que são livros de mancheia :
E não esses Authores estrangeiros,
Que com sua doutrina a Igreja empestão:
O que lhe digo, faça. Appelle, appelle ;
E deixe-se do mais, que é parvoice.
Advirto-lhe tambem, que não se esqueça
De pedir os Apostolos ; e sejão
Os reverenciaes, por que suspendão
Do malevolo Acordão os effeitos:
E não uma só vez, mas muitas vezes,
Com mais, e mais instancia,instantemen-
te.»
—Isso (diz o Deão) é escusado;
Eu conservo, entre varias baforinhas
De Agnus Dei, de Veronicas, de Breves,
Que trouxe lá de Roma, e ao despedir-me
Me deo o Passionei, uma Cabeça
Do glorioso São Pedro, cousa rara !
Obra de insigne Mestre, Talvez este,
Como Principe foi do Apostolado,
Baste no nosso caso, a serem nelle
Os sagrados Apostolos precisos.
Veja, Doutor, se tem isto caminho,
Por poupar-me a vergonha de pedil-os.
«Não são esses, (sorrindo-se lhe torna)
Mas outros, os Apostolos, que digo,
E que precisos são no nosso caso.
Esta frase, Senhor, entre os Praxistas,
Tem diverso sentido, e significa
O como a Appellação deve expedir-se.

A alguns d'estes modernos tenho ouvido
Que fôra no romano Fôro usada,
E n'elle os Canonistas a pescárão;
Eu porém d'este achado,e d'outros muitos
De que elles se presumem os Authores,
Do bom Phebo,bom Mendes,e bom Pegas,
(A luz, e o nome dos que o Foro cruzão)
Com punivel despejo motejando,
Cá para mim me rio: pois não acho
Em meu Peculio similhante nota.
Faça pois, sem demóra o que lhe digo,
Que outra estrada não tem,por onde possa,
Do Accordão escapar á sem justiça.»
Corrido,e aconselhado ao mesmo tempo
Do Doutor o Deão se despedia;
Quando o Consulto dando uma palmada
N'um livro, que na banca estava aberto:
«Espere (lhe gritou) que n'este estante
Uma cousa me lembra de substancia.
De Juizes venaes, e corrompidos
Tudo esperar se deve, e deve tudo
Com tempo prevenir o que é prudente.
E como os seus, Senhor, são d'esse pórte,
Se deve recear, que levemente
A sua appellação possão negar-lhe;
Assim, por evitar longas ambages,
Que dinheiro, paciencia, e tempo gastão,
Será melhor, que Vossa Senhoria
Appelle logo,—*coram probo viro.*»
—E que querem dizer, Doutor amigo,

Essas palavras,—*coram probo viro?*
Que eu do latim estou quasi esquecido.
Sem embargo de que (dizia o Lara)
Quando fui Estudante, era eu uma Aguia
(Não o digo, Doutor, por fanfarrice,
Que eu de bazofia nunca tive nada)
Em declinar veloz nominativos :
E na Classe o tropheo levei mil vezes.
Por signal, que de téla boas fitas
O mestre me rapou, que era um alambre.
Mas voão, voão os ligeiros annos,
E daninhos comsigo tudo levão,
Os gostos, a saude, e a memoria;
E qualquer rapazinho agora póde
Rachar-me com quináos afoutamente.—
«Querem dizer, que Vossa Senhoria
(O Fernandes lhe volta) appellar deve
Perante algum Varão, que em dignidade
Constituido seja; *verbi-gratia,*
O Guardião dos Capuchos, dos Paulistas
O Reitor, o Prior dos Dominicos;
Este foi efficaz, prompto remedio,
Que os famosos letrados Palma, Decio,
Bartholo, Castro, e Baldo descobrirão
Contra injustos Juizes, que denegão
A justa appellação aos Litigantes.
Esta lembrança minha ; (não entenda
Que por gabar-me o digo,os meus estudos
Assaz notorios são nesta Cidade)
Nove vezes (não trato por agora

Do Author da Arte legal, nem do Perfeito
Advogado, ou do Flaviense Gomes,
Por serem todos tres de menos polpa),
Tenho lido, e cotado em mil lugares
O grande Portuguez Cabral, Vanguerve
E o famoso Bremeu, de cujo livro
Faz logo ver o titulo a grandeza.
O mesmo digo do moderno Campos;
Sem que o nosso Ferreira me escapasse,
Authores todos de maior chorume,
Que esses seus Zalweins, que os seus
Barthelios.
Esta lembrança pois a dizer torno
Nem todos a terião; não o Cea,
Não o Doutor Caetano, e a récua toda
Dos novos letradinhos á franceza,
Que sem tregoa as orelhas nos martélão
Não sei com que Noodts, nem com que
Strachios,
E outros galantes nomes, taes como estes,
Que na boca não cabem, nem a lingua
Póde, bem que se afane, pronuncial-os;
Mouriscos devem ser, ou eu me engano,
Que Christãos nunca usárão de taes nomes.
Vá pois, Senhor Deão, e sem receio
A sua appellação prompto interponha;
Que aos Juizes depois intimar deve,
Se quer das multas escapar ao raio,
Que o terrivel Acordão lhe fulmina.
Não durma sobre o caso, nem descance:

Que, segundo a vulgar regra em Direito,
—O Direito aos que dormem não socorre.
«Essa régra, doutor, é o Diabo.
Merecia o que a fez as mãos cortadas.
(O Deão assustado repetia)
Visto isso, por amor desta demanda
Hei de eu perder a paz, e o meu socego,
Não dormir, vigilar continuamente?
Oh ditoso Arganaz, e tu, Marmota,
Que sem demandas ter,nem ter cuidados,
Passais dormindo quasi o anno inteiro!
Oh quanto mais feliz é vossa sorte.
Que a nossa,tristes homens! Pois se acaso
Queremos defender nosso Direito,
O Direito nos deixa, se dormimos!
Meu Doutor, se essa regra é verdadeira,
Fique o malvado Acordão subsistindo,
Chovão embora sobre mim as multas,
O vestido de seda, a lôba, a murça,
Pela agua abaixo vá, tudo se perca,
Com tanto que eu não perca um só instante
Dos meus suaves, regalados somnos.
Aqui,com branda voz,o bom Fernandes
Ao afflicto Deão assim consola:
«Senhor, os textos tanto ao pé da letra
Se não hão de entender, como imagina;
Não é da mente pois do grão Consulto,
Que esta regra dictou prudentemente,
Que não devão dormir os pleiteantes,

Que isso seria desmarcada asneira;
Sua tenção sómente foi lembrar nos,
Que quem litigios tem, e quer vencel-os,
Deve tudo attentar, e ser esperto.»
«Isso agora, cobrando novo alento
(Diz o Deão farfante) é outra cousa.
Por esperto, não tenha, Doutor, medo,
Que me haja de vencer o gordo Bispo:
Que aqui, onde me vê, sou grão lavérco:
Muitas vezes no wisth, estando a nove,
Na segunda partida, os meus Contrarios,
De taes artes me valho, taes maranhas,
Que não tenho mais que um, lhes ganho
o rober.»
Isto dizendo, e feita uma Zumbaia,
Do Doutor Bartolista se despede:
E mais ligeiro, que um ligeiro Galgo
Para Casa direito o fio toma,
Onde, sem se despir, manda lhe tragão
Prestemente a comida, e prestemente
Engóle pensativo alguns bocados;
E na mesma Cadeira, sem deitar-se,
Umas vezes dormindo, outras pensando,
Por algum tempo recostado fica.

CANTO V

Ainda o chilo bem não tinha feito
O farfante Deão, quando, lembrado
Do—*coram probo viro*—do Fernandes,
Abre a caixa, e tomando uma pitada
De mofoso tabaco, assim dizia:
«Que inercia é esta? Que preguiça ó Lara,
Que os membros,e sentidos te adormenta,
Quando por inimigos tens em campo
O gordo Bispo, o Abreu, o Ramalhete,
Velhacos todos da primeira plana?
A'lerta, Lara, pois; álerta, álerta:
Que o direito aos que dormem não soccorre:
E cumpre aos litigantes ser esperto.»
Isto dizendo, o corpo inteiriçava,
E abrindo a bocca, e os olhos esfregando:
A madorra sacode, em que jazia:
Então dando um passeio, ao espelho chega,
E o suado crescente endireitando,
Sem attender ao sino, que o chamava,
A Vesperas tocando, nem á multa,
Que a bolsa lhe ameaça, sahe de Casa,
E por baixo da calma, com que assava
Sirio, ladrando, a sequiosa terra,
Aos Capuchos de trote se encaminha.
Sobre uma agra montanha, que se estende
Em pequena distancia dos soberbos

Guerreiros muros da trimphante Elvas,
O celebre Convento se levanta.
Aqui, da molle Inercia no regaço,
Das austeras fadigas descansando,
Da Provincia se vê, cem Padres Graves
Ex-Guardiões, Ex-Porteiros, Ex-Leitores,
Ex-Provinciaes, e alguns d'estes famosos
Pelas artes subtis, pela ardileza,
Com que forçado tem o Spirito Santo,
Nos rixosos Capitulos, mil vezes,
Os votos a seguir do seu partido.
D'estes tambem no meio, alli se encontrão
Do gordo badulaque Ex-Cozinheiros,
Na famosa Cozinha, entre as tisnadas
Certãs fuliginosas, e marmitas,
Com grande gloria sua jubilados.
Aqui, suando pois como um Cavallo,
Chega o Deão a tempo que o Porteiro
A porta da Clausura prompto abria,
E vendo do Deão a gram fadiga,
Desta sorte lhe diz sobresaltado.
«Que é isto, meu Senhor? Que estranho caso
Aconteceo a Vossa Senhoria,
Que por baixo da calma tão intensa,
A nossa Casa o traz tão afrontado?
Matou acaso algum dos seus Collegas?
Roubou a Sacristia? ou do Diabo
Tentado, violou alguma Virgem,
E asilo vem buscar na nossa Igreja?»

—Nenhum desses desastres, Deos louvado,
Me succedeo (o Lara lhe replica)
Ao Padre Guardião sómente quero
N'um negocio fallar, se for possivel.—
«Inda bem, pois cuidei que era cousa,
(Lhe torna o bom Porteiro) e de assustado
Fiquei sem sangue em quasi todo o corpo.
O Padre Guardião, antes das cinco,
Não costuma da sesta levantar-se,
Mas, por servir a Vossa Senhoria,
A despertal-o vou, no em tanto póde
Lá na Cerca esperar, tomando o fresco.»
Isto dizendo, ao Dormitorio sobe,
E o Deão, caminhando para a Cerca,
Com outro Reverendo, acaso topa,
De gram barriga, de cachaço gordo,
Que attento o comprimenta, e acompanha,
Quiz então a Fortuna, que este fosse
Um dos Padres mais graves da Provincia,
Ex-Guardião, Ex-Leitor, e Jubilado,
De todos o mais douto, excepto o Arronches,
Pregador de gram fama na Cidade.
O bom Lara, que havia longo tempo,
Que n'esta santa Casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
NaCerca,entrando, juntos se lhe off'recem

As areadas ruas, as Estatuas,
Os Buxos, os Craveiros, as Latadas
De mil flores cobertas, e que em torno
O virente jardim adereçavão,
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na estatua, que primeiro alli se encontra,
Pergunta ao Jubilado, «Quem é este
Monsieur Pariz? segundo diz a letra,
Que por baixo, na base. tem aberta,
Se se houver de julgar pela apparencia,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi Francez, e talvez Cabelleireiro,
Inventor do topete, que o enfeita.»
—Páris, e não Pariz, diz o letreiro,
(Circunspecto lhe volve o Padre Mestre)
Nem Francez, como crê Cabelleireiro,
A personagem foi, que representa,
Mas em Troya nasceo de estirpe regia.—
«Pois se Francez não foi, (replica o Lara)
Como Monsieur lhe chamão?» C'um sorriso
Lhe torna o Padre mestre. «Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo,
Ao pé de cada canto, hoje, sem pejo,
Se tratão de Monsieurs Portuguezes.
Isto, Senhor, é moda, e como é moda,
A quizemos seguir, e sobre tudo
Mostrar ao mundo que Francez sabemos.»

«De tanto peso pois (lhe volve o Lara)
E', Padre Jubilado, por ventura,
O saber o Francez, que d'isso alarde
Fazer quizessem vossas Reverencias?
Por acaso, sem esse sacramento,
Não podião salvar-se, e serem sabios?
Pois aqui em segredo lhe descubro,
Que o Francez para mim, o mesmo monta,
Que a lingua dos Selvagens Boticudos.»
—Não diga, Senhor, tal, que neste tempo,
Oh Tempo, oh Costumes! (diz o Padre)
O saber o Francez é saber tudo.
E' pasmar! ver, Senhor, como um Pascazio,
De Francez com dous dedos se abalança,
Perante os homens doutos, e sizudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a Santa Theologia,
Alta sciencia, aos Claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande Scoto,
Aos Boconios, aos Lelios, e a mim proprio!
Desta audacia, Senhor, deste descoco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias,
E' a nossa Portuguez, casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
(Traducções, que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e frases Gallicanas!

Ah! se as marmoreasCampas levantando,
Sahissem dos Sepulchros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os Antigos
Lusitanos Varões, que com a penna,
Ou com a espada, e lança, a Patria ornárão,
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentão seus escritos
Estes novos, ridiculos Authores;
Como se a bella, e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da Latina,
Precisasse de estranhos atavios,
Subito, certamente ! pensarião,
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofala ou Moçambique :
Até que já por fim desenganados,
Que erão em Portugal,que os Portuguezes
Erão tambem, os que costumes, lingua,
Por tão estranhos modos, afrontárão,
Segunda vez de pejo morrerião.
Mas elles tem desculpa: a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga :
Sem saber o que escrevem, escrevendo;
Buscão della o remedio, e como logrão
Os fins dos seus intentos,o que escrevem.
Seja ou não Portuguez, isso que monta ?
Quem desculpa não tem, nem a merece,
E' quem vedar-lho deve, e não lho veda.
Mas por ora deixemos estas cousas,

Que o mundo corrigir a nós não toca.
Este (como dizia) foi Troyano,
E nosCampos que o Phrygio Xantho corta,
Guardando em doce paz o seu rebanho,
Eleito foi Juiz do grande pleito,
Que Juno, e Pallas, entre si, com Venus,
Sobre a belleza, um tempo sustentárão.
No qual não sei porém, se com justiça,
Deo a favor de Venus a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a Discordia lançára n'um banquete.—
«Já nesse pleito ouvi,(se bem me lembro)
E no pomo fallar : (lhe volve o Lara)
Mas o tal Monsieur Paris foi um asno:
(Perdoe a sua ausencia) se na causa
De ser Juiz a sorte me coubéra,
Daria mal, ou bem a minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse;
Sem em nada gravar a Consciencia:
Mas a maçãa havia de eu papal-a,
Pelas custas, por certo; e quando muito,
Daria á Vencedora, della as cascas.
Mas, diga-me, meu Padre Jubilado,
Se gado apascentou esse Marmanjo,
Como de Cortezão está vestido,
De Cabello, de bolsa, e penteado?»
—Essa é boa (replica o Reverendo)
Pois parece-lhe a Vossa Senhoria
Que lhe bastava o seco tratamento
De Monsieur,que lhe démos,e um Cajado,

Um intonso cabello, uma samarra?—
«Essa razão me quadra (diz o Lara.)
E esta Madama Helena, (continua)
Que delle está defronte, por ventura
E' Troyana tambem, ou é Franceza,
Como do penteado mostra o gosto?»
—Não foi, Senhor, Franceza, nem Troyana;
(Responde o Padre Mestre) d'alto sangue
Em a Grecia, nasceo; e no seu throno,
Esparta um tempo a vio: mas Sceptro, e Esposo
A Patria, a Fama, a Gloria d'alta estirpe,
Tudo deixou por Páris. — Pois que! o Esposo
A chara Patria, o Sceptro, a Fama, a Gloria,
Tudo deixou, por esse barbas-d'alho!
Valente marafona foi por certo
A tal Madama Helena! E quem foi esta?
Diz a letra Madama Pena-Lopes,
(Proseguia o Deão) talvez seria
Tão boa,como estoutra?»—Essa (responde
O douto Jubilado) é d'outra laia.
A famosa Penelope foi esta,
Do Conjugal amor, da fé jurada,
Do sagrado Hymeneo nas castas aras,
Um perfeito exemplar, grande Matrona,
Boa Mai-de-Familias, e estremada,
Entre as mais do seu tempo, Tecedeira.

N'uma tea gastou mais de dez annos...—
« Que me diz, Padre Mestre? Está zombando!
(O Deão aturdido lhe replica)
Em urdir e tramar uma só tea
Dez annos consumia a tal Madama;
E diz-me que foi grande Tecedeira?
A minha Ama... e mais é uma Zompeira,
N'outro tanto não gasta nove mezes:
E com tudo, não passa, entre as peritas,
Por grande sabichona neste officio. »
—Nisso mesmo é que esteve a habilidade,
(O Padre lhe tornou) pois que de noite
O que de dia obrava, desmanchava.—
« Peior! (diz o Deão) isso é o mesmo,
Que para traz andar, qual Caranguejo.
Jurarei em cem pares de Evangelhos
Que essa mulher perdido tinha o sizo. »
—Perdido o sizo! Que galante cousa!
(O Padre lhe tornou) antes no mundo
Nunca mulher se vio tão atinada,
E digna de passar á Eternidade,
Sobre as azas da posthuma memoria.
Foi prudencia, Senhor, o que loucura
A sua fantasia lhe figura.
Pois se assim praticava, era sómente
Por enganar (em quanto o caro esposo
Da prolongada ausencia não volvia)
Cansados rogos de importunos Procos,
Que aspiravão do seu consorcio á gloria,

Arachne, que Minerva vingativa
Em aranha tornou, por arrojar-se
A competir com ella, certamente
Lhe não levára no tecer a palma.—
« Como é isso? (o Deão diz assustado).
Pois, salvo tal lugar, um homen póde
(Isso fallando todo se persigna)
Ou póde uma mulher, em feio bicho,
Ou animal quadrupede mudar-se?»
— Isto fabulas são, com que os antigos
Quizerão explicar aos seus vindouros
De muitos animaes a industria, e a arte;
E alem disso ensinar, que ás Divindades
Se deve ter um grande acatamento.
Mas, que acontecer possa, quem duvida!
(Dizia gravemente o douto Padre)
Não fallo agora das antigas Lamias,
Que inteiros engolião os meninos,
De Circe, de Medea, nem de Alcina,
Ou da velha Canidia, de quem conta
O bebado de Horacio as nigromancias.
Todos sabem, que todas estas Bruxas,
Em ossudos Leões, manchados Tigres,
Em ardidos Ginetes, negros Ursos,
Ou em Toupeiras vis, vis Musaranhos,
A seu sabor, os homens convertião.
Além d'isso, Apuleio nos informa,
Que por malicia d'uma certa Fotis,
Em asno, n'um instante, se formára,
E como asno passára mil trabalhos.

Não tem ouvido Vossa Senhoria
Ruidosos Cães uivar, lá na alta noite?
Pois que querem dizer aquelles uivos,
Senão, que anda no bairro Lobis-homem,
Ou homem, por fadario, transmudado
Em jumento orelhudo, ou em sendeiro?—
«Santo Breve da marca! (aqui exclama
O farfante Deão de temor cheio)
E logo proseguio: «Se minha estrella
Ordenado me tem, que por encantos
De alguma feiticeira, ou Nigromante
Em fero bruto eu haja de mudar-me,
Praza a vós, santos Ceos! ao Fado praza,
Que, antes do que em sendeiro lazarento,
Em brioso Cavallo, elles me mudem:
Pois assim poderei, inda algum dia,
A sorte vir a ter de ser Pai d'Egoas.
Que bons Potros darei da minha raça!
Mas, se muito julgais o que vos peço,
Ao menos concedei-me, que em Fuinha,
Ou matreira Raposa me transtornem;
Só para do Bispo ir ao Gallinheiro,
De quantas Aves tem a dar-lhe cabo.
Socegado o Deão do seu espanto,
Ao bom Padre pergunta: «E quem é este
Circunspecto Monsieur, que cá se enxerga?»
—Esse que ahi está, nem mais, nem menos,
E' o facundo decantado Ulisses,

De Madama Penelope marido:
De todos quantos Gregos aportárão
Da Neptunina Troya ás curvas praias,
O mais prudente foi, excepto o velho
Nestor, que vio dos homens tres idades.
Este, depois que a cinzas reduzido
Foi o fero Illion, por suas traças,
E da altiva Cidade só ficára
O Campo, em que imperiosa antes estava,
Voltando á Patria amada, carregado
De altos despojos da immortal victoria,
De Neptuno soffreo a cruel sanha,
E dos ventos, e vagas açoutado,
Undivago correo por longos mares,
Vendo de muitas gentes as Cidades,
As varias artes, os costumes varios,
Até que levantou, na foz do Tejo,
A Rainha do mar, Lisboa invicta.—
«Oh grande Fundador da minha Patria,
(Aqui brada o Deão) se mãos tiveras,
E se pernas, e pés te não faltárão,
Os pés, e mãos humilde te beijára;
Mas se manco, e maneta aqui te vejo,
E á franceza vestido, a mal não hajas
Que á franceza te beije a fria face.»
D sse: e ao collo furioso se lhe lança,
E na face tres beijos lhe pespega.
Passado este pequeno entusiasmo,
O Lara proseguia: «E aquell'outro,
Que do Jardim no meio se impertiga

Com cara de Ferreiro, é por acaso
O grande Ferrabraz de Alexandria?
Ou Galafre da ponte de Mantible?
--Esse (responde o Padre) foi Alcides,
Cujo tremendo braço, cujos feitos
Ha de, por certo, Vossa Senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente,
Em seus sermões, ao nosso Padre Arronches.—
«Engana-se, Senhor, (o Deão volve)
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida:
E posto que, no Choro, muitas vezes,
Em razão desta minha Dignidade,
A meu pezar, a alguns delles assisto,
Em quanto o Padre grita, estou dormindo:
Pois d'outra sorte disfarçar não posso
A fome, que me ataca a essas horas.
Se eu algum dia for eleito Bispo,
(Como esperar me faz o regio sangue
De Lara, que nas veias me circula)
Já, desde aqui, meu Padre, lhe prometto,
Que estes sermões desterre do Bispado;
E se nelle inda achar quem tenha o flato
De prégar, lhe darei prompto remedio;
Mandarei, que cumprindo seus desejos,
Vá pregar aos Hereges, e Gentios,
Que o premio lhe darão do seu trabalho;
E escusem de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa dilatada arenga,

Que ouve por uso o Povo, e não entende,
E a pagar vem, por fim, por alto preço;
Dando (cousa que muito a mim me espanta)
Sem saber o porque, o seu dinheiro.
Sermões?—E quando quer jantar a gente?
A fome só augmentão, causão somno.
Mas,tornando,meu Padre,ao nosso ponto,
Este Alcides, segundo tenho ouvido,
Foi o maior tunante dos seus tempos.
— Foi amigo de Moças? Que tem isso?
Vê-me aqui? Pois com ter mais de setenta,
(Dizia o Jubilado) nem por isso
Onde quer que as eu topo, lhe perdôo.—
«Outro tanto de mim, oh quanta magoa!
(O Deão exclamou) oh quanto pejo
Me custa, Padre mestre, o confessal-o!
Outro tanto de mim dizer não posso,
E com tudo não passo dos sessenta;
Mas isso é do burel virtude innata.
Agora pois, se a vossa Reverencia
Pesado lhe não fôr, dever quizera
Que deste traficante toda a historia
Me referisse, pois, segundo penso,
Ha de ser varia, e muito divertida.
Lembra-me a mim, que sendo inda Estudante,
Do Bacharel Trapaça, e Peralvilho
De Cordova, a historia portentosa

Ouvi ler (por signal, que por ouvil-a,
Na Classe pespeguei valentes gazios)
A um Clerigo visinho, bom Poeta,
Que sabia o Borralho todo inteiro,
E tinha uma escolhida Livraria :
E confesso-lhe, Padre Jubilado,
Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
Cousa, que cá no goto mais me desse.»
—De bom grado o farei, por dar-lhe gosto,
(O Padre lhe tornou) e assim começa:
—Este grande varão Alcmena e Jove
Teve por pais, ainda que grão tempo
Do forte Amphitrião passou por filho...—
«Com que de mais a mais o tal Alcides
De barregã foi filho ? — Avante, Padre,
Que o começo promette grandes cousas.»
(Diz o Deão) e o Padre proseguia :
—De tantas forças foi, logo em nascendo,
Que inda elle não contava bem dez mezes,
Quando, em lugar de berço repousando
N'um escudo de cobre que a Pteréla
Amphitrião ganhára, batalhando,
Duas Cobras mais grossas que um madeiro,
Que entrárão a papal-o surrateiras,
No silencio da noite, por mandado
De Juno, que em ciumes se abrazava,
Rompeo, espedaçou, com mais presteza
Do que eu trinchar costumo uma gallinha,

Quando, com fome estou, na nossa cella.
Digo=na cella=: pois no Refeitorio
Esta ave nunca entrou; que nelle reina
Sómente o Bacalháo, e talvez podre.
Depois, sendo Mancebo, a estribaria
De Aguias alimpou com acção grande...—
Neste ponto o Deão ter-se não pôde
Sem que esta sabia reflexão fizesse:
«Filho de Barregã! Moço de mulas!
Vejão de que relé era a criança!»
—Logo (prosegue o Padre) convidado
De maiores acções, um Leão féro
Na floresta Nemea, cara a cara,
Destemido affrontou; e lhe machuca,
Com a pesada massa, o duro casco..,—
Aqui chegava o Padre, em sua historia,
Quando o esperto Deão, á porta vendo
Da Cerca, o Guardião, que a vel-o vinha,
Inda do somno os olhos esfregando,
O fio lhe cortou, em altas vozes
Ao Guardião gritando: «Apello, apello
Perante vossa sabia Reverencia,
Varão constituido em Dignidade,
Da affronta, que me faz o meu Cabido,
Pretendendo com multas constranger-me
A vir apresentar ao gordo Bispo,
A' porta da latrina o santo Hyssope.
Peço tambem, com todo o acatamento,
Os reverenciaes Apostolos, mil vezes,

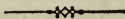
Com mais, e mais instancia, instantemente....»
—Basta: (o Prelado diz) já interposta
A Appellação está. Agora, em quanto
O Reverendo Padre Jubilado,
Pois Notario não ha, que dê fé disso,
A Certidão lhe passa, nos sentemos
Ao pé desta Roseira a tomar fresco.—
Ditas estas palavras, se assentárão,
E o farfante Deão assim começa:
«Por certo, que não póde duvidar-se
Do augmento, Senhor, que em nossos dias
Tem tido Portugal, por alto influxo
Do Grande, Forte, e nunca assaz Louvado
Rei, primeiro no nome, e nas virtudes,
E do sabio Ministro, que lhe assiste.
Não fallo nas sciencias, e nas Artes
Que eu dellas nada sei: pois meu emprego
A's letras applicar-me me não deixa,
Como meu gosto, e genio me pedião;
E da Arte da Cosinha tão sómente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa
Aos homens, que o Francez, que anda na moda)
Alguns pedaços leio, estando vago.
Fallo, sim, no apparato dos banquetes,

No polido dos trajos, e assembléas,
Dos Jardins no bom gosto, e dos Palacios.
Digo isto, meu Senhor, porque esta Cerca,
Que era um xiqueiro, ha menos de dous dias,
Hoje tornado está n'um Paraizo.
Mas que não poderá um Genio grande,
E tal, como o de Vossa Reverencia?»
O Guardião então todo enfunado,
Mas modestia affectando, lhe responde:
—Aqui que póde haver, que os olhos encha
De Vossa Senhoria, que tem visto
As Terras estrangeiras tão gabadas;—
Se é tudo uma pobreza franciscana!—
«Tanto não direi eu (replica o Lara)
Que ao ver deste vergel a amenidade,
O desenho dos Buxos, o bom gosto,
Com que estão as figuras trabalhadas,
A abundancia dos vasos, e das flores,
Que nos jardins estão, se me figura
Do Castello Gandolfo, ou de Frascati,
(Onde fallei mil vezes com o Papa)
Ver o primor, e o curioso aceio.
Tudo está primoroso; e só lhe falta,
Para em nada ceder aos mais gabados,
Deliciosos jardins de Italia, e França,
Uma Cascata, que a do Terni iguale.
Se Vossa Reverencia quer a planta,

Eu já mandar-lha vou; que a tenho em
casa.»
—Essa obra ha de custar muito dinheiro
(Responde o Guardião) e hoje as esmolas,
Para encher a barriga a tantos frades,
Que tem fome canina, apenas bastão.
Algum dia foi rico este Convento;
Mas estas novas Leis testamentarias
Derão um grande córte em suas rendas.
E' verdade, que os santos Exorcismos,
O benzer dos feitiços, e lombrigas,
O grande, e extraordinario privilegio
De Irmão, ou Mãi de frades, e outros pios,
E santos institutos, que inventarão
Devotos, e subtis, nossos antigos,
E que nós pelo Povo propagamos,
Com zelo, e com destreza, maiormente
Entre o devoto feminino sexo,
Inda pingando vão de quando em quando.
Mas isto tudo é nada, é um cominho,
A par do que rendia o Purgatorio !
Senhor, o Purgatorio, e as almas santas
Erão o Potosi da franciscana !—
Neste ponto chegando, o Jubilado
O discurso lhe atalha, e ao Lara entrega
A grande Certidão, que passar fôra.
O Deão a recebe civilmente,
E com mil importunos cumprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dous Padres, cortez se despedia :

E correndo, e saltando, como um Corço,
Risonho, e prazenteiro entrou em Casa;
Onde á sua presença, pelos ares,
Faz vir o triste Luz, que a honra goza
De tocar mal rabeca, na Sé de Elvas,
E de ser, em seu foro, máo Notario,
Ou pessimo Escrivão, que vale o mesmo:
Além disto, cursado tinha as Classes;
E a todas estas cousas ajuntava
Uma profunda erudição, bebida
Nos Autos de Reinaldo, e Valdevinos,
E do infante Dom Pedro nas partidas,
Florisel de Niquéa, e outros livros
Da andante, da immortal Cavallaria;
Ao qual o Deão disse: «Hoje um negocio
De ti fiar pretendo de importancia:
Mas antes será bom, que ao grande Baccho
Algumas libações, como costumas,
Aqui faças.» Dizendo estas palavras,
Ordena, que lhe tragão promptamente
Do bom vinho de Borba tres garrafas.
O bom Luz transportado á sua vista,
Sem fazer-se rogar, logo a primeira,
A's duas palhetadas deixa enxuta:
Muito tempo não passa, sem que prove
Igual sorte a segunda; sem descanso
Com a terceira investe, largo espaço
O forte Campeão entra por ella:
E depois que esquentada teve a bilis,
Assim com o Deão falla animoso:

—Que cousa póde Vossa Senhoria
Querer deste seu Servo, que não faça?
Que perigo haverá, que não arroste?
Da nova Zembla os duros Caramelos,
Irei a passear: ao meio-dia
Na Libia soffrerei a calma ardente;
Com Tigres, com Leões, com Crocodilos
Audaz affrontarei; do Reino escuro,
Para seu cão de fralda, se é seu gosto,
N'um pulo lhe trarei o Cão Cerbero;
Se mais d'isso se paga, c'uma corda
A' porta lho atarei, como um Macaco.—
« Menos que isso (bradou o Prebendado)
Menos que isso de ti hoje pretendo.
Uma appellação só quero que intimes
Ao gordo, e féro Bispo: isto sómente
De ti hoje desejo, e de ti fio. »
Aqui, mudando a côr do triste rosto,
Começou a tremer o novo Alcides,
E com voz balbuciente, lhe replica:
—Muito illustre Senhor, tão grande empreza
Minhas forças excede: o mesmo Achilles,
Mandricardo, Gradasso, Sacripante
Commettel-a, por certo, receiarão,
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.
D'ella pois me dispense: que eu sem pejo,
Ante os Ceos, ante a Terra hoje confesso
Que meu animo a tanto não se atreve.—
A este breve discurso, ardendo em ira,

O Deão exclamou: « De minha vista
Vai-te indigno Furão, vil e rasteiro,
A quem, na Cara, e feitos te pareces,
Que eu saberei achar quem me obedeça.»
  Tremulo e semivivo o pobre Zote
Então se foi d'alli escapolindo;
E o farfante Deão fica suspenso,
No peito revolvendo a quem daria
A grande Commissão:—quando á memoria
Lhe a traz a Senhoria (que a seu lado
Invisivel assiste) o bom Gonçalves,
Escrivão atrevido, e sem piedade.
Que a si mesmo prendéra, se podéra,
« Este sim (exclamou então contente)
Que é capaz de citar a Jesu-Christo.»
Isto dizendo, que lh'o chamem, manda.
A Senhoria então, tomando a fórma
Do Galopim de Caza, veloz parte,
E com elle voltou incontinente;
A quem logo o Deão propõe a empreza,
Que elle, sem duvidar, risonho acceita,
E para a executar, tempo opportuno,
Cheio de confiança, a esperar parte.

CANTO VI

Já o Sol grande espaço declinava
Do brilhante Zenith para o Occidente;
E a socegada Tarde, conduzida
Nas frescas azas dos subtis Favonios,
A passeio os Peraltas convidava;
Quando, por divertir sua Excellencia
O fastio, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera,
Se dispõe a sahir, como costuma,
A frescura a gosar do seu Versalhes.
Mil infandos prodigios (trama urdida
Pela mão industriosa da Excellencia,
Para obriga-lo a não sahir de caza)
Esta infausta jornada precederão.
A' mesa posto, e a beber um copo
De generoso vinho da Madeira,
Em vinagre, na boca, se lhe torna
O suave licor, e ao mesmo passo,
No Aparador saltando um Gato negro,
Em astilhas lhe faz, com grande estrondo,
Os dourados cristaes, que n'elle estavão.
Depois, dormindo docemente a cesta,
Se lhe figura, no melhor do somno,
Que andando de passeio pela Quinta,
Com passos lentos a elle se chegava
Da nóra o velho Burro, e alçando o rabo,
Dous couces lhe pregava no vazio.
A' fantastica dôr, gritando, acorda;

E acudindo a familia promptamente,
Lhe narra o triste caso, inda assustado.
Mas, passado o primeiro sobresalto,
Desenganado em fim de que era sonho,
A vestir-se começa: então calçando
O polido sapato, das fivellas
Salta, da Guardaroupa ao aureo tecto,
Com medonho estampido,a melhor pedra.
Finalmente, ao montar a Carruagem,
Batendo um grão Bizouro as negras azas,
Com horrendo estridor lhe açouta as ventas,
E um Pardal lhe estercou no tejadilho.
N'este estante a Excellencia, que tomado
Tinha do grande Almeida a gentil fórma,
Vendo que estes agouros não bastavão
Para aterrar do Bispo o forte peito,
C'uma grande zumbaia, assim lhe falla :
—Se crer em abusões é de almas fracas,
Desprezar portentosos vaticinios
E' de peito obstinado, ensurdecido
A's vozes, com que o Ceo mil vezes falla.
Se em Africa Catão, se em Roma Cesar
Derão-se aos presagios, nem aquelle
Nas fervidas areias Africanas
Acabára infeliz; nem no Senado
A's mãos de Cassio e Bruto, ferozmente,
Este fôra, qual rez nas aras, morto.
O mesmo digo do temido Almeida,

De quem Vossa Excellencia tem o sangue:
De Cambaya murchar as altas palmas
Na brutal Cafraria elle não vira,
Se afouto, ou temerario não zombára
Do bater dos sapatos dos Menezes:
Vossa Excellencia tem visto os portentos,
Que lhe tem n'este dia acontecido.
Ah! se a mente presaga não me engana,
Algum grande desastre pronosticão,
N'este passeio, que fazer intenta.
Para illudil-os pois, torne a apear-se,
A Casa se recolha: considere
Que, por grande. a Cautella nunca dana,
Se pois da ociosidade, e seus prestigios,
Que tanto horror lhe faz, fugir deseja,
Mande chamar alguns Capitularés,
E com elles, em santa paz jogando,
O resto passe da calmosa tarde,
E não queira, com vão temeridade,
A seu gosto a razão sacrificando,
Desafiar a cólera dos Astros.—
A estas vozes, risonho, o gordo Bispo
Lhe responde: «Meu Filho, bem conheço,
Que o amor,que me tens, é quem te dicta
Essas sabias razões; mas que diria
Esta marcial Cidade, que admirando
Meu heroico valor, trazer pendente
Do bordado talim, me vio na guerra
Uma talhante espada; e sobre tudo,
Erguer da Cama, n'uma fria noite,

Por correr, sem temor, suas muralhas,
Quando o fogo nas altas atalaias,
Brilhando tristemente, annunciava
Roubos, assolações, incendios, mortes;
Se hoje soubesse, que eu ficava em Casa,
Assombrado de quatro bagatellas?
Eu confio no Ceo, que esses successos
Nada contenhão, que aziago seja.
Mas se assim succeder, constante, e forte
Irei por onde os Fados me chamarem.»
Isto dizendo, confiado ordena
Aos Moços, que caminhem sem demora.
No tempo que estas coisas succedião
No Episcopal Palacio, o bom Gonçalves,
A quem a grande empreza disvellava,
Sendo por seus espias avisado
De que o Bispo sahia; aproveitar-se
Da occasião, que a sorte lhe off'recia,
Comsigo determina; e a toda a pressa
A vestir-se começa; quando a cara,
E longeva Consorte, do Cartorio
Nas sordidas trapaças tão versada,
Como o destro marido, toda cheia
D'um panico terror, que dentro n'alma
A feroz Excellencia lhe infundira,
Ao collo se lhe lança, e assim lhe falla :
«Onde, oh Luz de meus olhos, doce Esposo,
Assim corres veloz, assim me deixas
Cercada de receios, e tristezas?

O Bispo vás citar? Ah! tu não sabes
Qual é d'este Prelado a santa raiva?
Ignoras, que as menores bagatellas,
Em seu conceito são graves insultos,
Que castigar costuma sem piedade!
Tu, oh pobre Milheira, tu o dize,
Que por zombar da fita do palmito,
Na respeitavel face do Roquete,
Mestre de Ceremonias, e Caballas,
Com poder de Assistente, junto ao solio,
Para insultar, sem termo, os pobres zotes
Em toda esta Cidade, e seu Bispado,
A jazer longo tempo na Cadeia
Barbaramente condemnado foste!
Não sabes, que a pezar das leis sagradas
Do nosso piedosissimo Monarca,
Elle Meirinho tem de vara alçada,
Que prende, escorcha, e rouba impunemente
A' sombra do sagrado Sanctuario?
Pois, como a provocal-o hoje te arrojas,
Por servir o Deão? Cres por ventura
Que elle te livrará das suas garras?
Ou fias-te talvez em que és sujeito
A outra jurisdição? Mas, oh! repara
A quantos, como tu, leigos isentos
Em seu cruel aljube opprime, e vexa!
Oh! se um raio voraz dos Ceos descesse,
E todos os aljubes abrazasse!

Quantas, oh Ceo! oh, quantas se evitárão
Vexações, injustiças, e insolencias!
Olha o que succedeo, ha pouco tempo,
Ao Charlatão do Medico pequeno
(Que a habito perpetuo de Estudante
Foi de Esculapio em Junta condemnado),
Por não dar alimentos á Consorte
Em dinheiro corrente, que de balde,
Os homens, e as estrellas attestando,
Allegava não ter o miseravel,
E em vão, para pagal-os off'recia
A venda de seus predios, ou seus frutos;
A pezar da Razão, e da justiça,
Com publico pregão excommungado:
Bem que dizer-se se d'elle se não possa
Que de Herodes á féra tyrannia,
Nem se quer escapou por innocente;
Pois só, d'uma pennada, a muitas almas
Tem feito as margens ver do Stygio Lago,
Onde por elle esperão barregando,
Para as barbas tirar-lhe, e a cabelleira!
Pertendes pois que o mesmo te succeda?
Ah! não, amado Esposo, por aquelles
Primeiros, e suavissimos instantes
Do nosso doce amor, pela fé pura,
Que no sagrado laço me juraste;
Por estas ternas lagrimas, que choro,
Que a tanto não te exponhas : ha ! não
queiras
A ti mesmo cruel, e a meu socego

Roubar-me a triste vida, dar-me a pena
De ouvir-te excommungar pelas esquinas,
Ou prezo cruelmente, entregue ás garras
Do Meirinho voraz, qual tenra Pomba
Entre as unhas crueis de Açor ligeiro.
Do meu pranto tem dó, e dos cansados
Longos annos da minha amarga vida.»
Aqui um magoado, e grão suspiro
As queixas lhe atalhou; que o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.
  Então o grande, e intrepido Gonçalves.
Assim, do brio cheio, e de ternura,
A timida Consorte alenta, e anima.
—Enxuga o bello pranto, oh bella Esposa,
Que sem causa derramas, pois com elle
O forte coração me despedaças.
Eu não vou combater algum Gigante,
Nem tenho o Tamorlão por inimigo:
Vou fazer meu officio, e bem conheço
A quanto me abalanço, e me aventuro.
Mas que dirá o Mundo, se vir hoje,
Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?
De mais, que d'este excesso, a que me arrojo,
Tu a causa só és; pois d'outra sorte
Mal poderei, meu rico Bem, comprar-te
A Saia, a Capa, a Fita, o Leque, o Pente.
Os annos estão caros, e eu não devo
Um gancho desprezar, que raras vezes
A Ventura depara, e nos off'rece.

As Censuras, o Bispo, e sua vara,
Vãos espantalhos são que não me assustão;
Eu não temo o Meirinho, nem da Igreja
O forte raio, sem razão vibrado;
E para me livrar do Bispo ás iras
Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.
O susto deixa pois, que brevemente
Tu me verás tornar sem frio, ou febre,
A gozar de teus mimos, teus favores.—
Isto dizendo, de seus braços foge;
E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,
A esperar, se partio, sua Excellencia.
Já na rica liteira recostado,
Da Cidade sahia o gordo Bispo.
Dous lacaios membrudos, e possantes
Guiavão a compasso os grandes machos,
E dous do mesmo talhe na dianteira
A lenta, e preguiçosa marcha abrião.
Nos altos Campanarios a Donatos,
E das Freiras as Moças, muito alegres
Davão, como costumão, aos badalos.
Quando o bom Escrivão, que prompto estava,
Qual sagaz Caçador, que alegre, e fero
A' porta d'uma mancha a rêz espera,
A' liteira se chega, e respeitoso
Uma Carta ao Prelado logo entrega,
Na qual a Appellação descomedida
Em letra garrafal ia traçada.

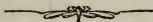
O innocente pastor, que não suspeita
O veneno mortal, que em si levava,
Depois de lhe lançar a santa benção,
Com risonho semblante, pega nella,
O sobrescripto rompe, e soletrando,
Entra a ler com trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta Carta entende,
Começou a tremer; das mãos lhe cahe,
O atrevido papel. Não, se cem boccas,
Cem linguas eu tivesse, e a voz de ferro,
Poderia contar qual foi a raiva
Do gordo Bispo. A Ira, a Impaciencia,
A Soberba, a Vingança, e outras Furias
O rodeiam, o agitão, e o transportão:
O rosto se lhe inflamma: os olhos tintos
D'um vivo,e negro sangue lhe chammejão,
Escuma, geme, e brama, range os dentes,
Tão cruel, tão espantoso, tão feroz
Não treme, não avança, não se rasga
O que mordido foi de Cão danado,
Quando o triste veneno, que fervendo
Pelas veias lhe corre impetuoso,
Ao coração lhe chega, e lh'o devora,
Como o grave Pastor ! A vil Preguiça
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vêl-o, d'alli foge espavorida.
Em fim, em raiva ardendo, grita, e clama
Aos Lacaios, que logo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lh'o castiguem.
Então os insolentes vis Mochilas

Arrancão das espadas, que em despreso
Das Leis, e Magistrado á cinta trazem,
E cheios de grande ira, quaes raivosos,
Arremessados Cães, que ardidos seguem
O fero Javali, que veloz foge
A emboscar-se na densa, e vasta moita,
Correm, sem tino, apoz o bom Gonçalves,
Que em seguro já posto, ao pé da guarda,
Os olha com desprezo, e com insulto.
Não de outra sorte rubido Podengo,
Que seguindo fiel, e lisongeiro
O rustico Saloio, que á Cidade
Vem, de seus Campos, a vender os frutos,
Se ao pé d'alguma esquina se demora,
Preso da vista das formosas cores
Da galhofeira Cidadãa Cadella,
E sobre elle cahindo a roaz turba
Dos bairristas Cachorros, que a namorão,
Entre as pernas mettendo a longa cauda,
Corre, sem se deter, até que chega
Junto de seu Senhor, a cujas abas
Seguro, e confiado encrespa as ventas,
Contra elles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Denodado Gonçalves, se meus versos
Alguma cousa pódem, se rompendo
A nevoa escura dos futuros evos,
Sobre as azas do Tempo se espalharem

Pela terraquia mole, em quanto Alcaides,
Quadrilheiros houver, houver Meirinhos,
O teu nome será sempre famoso,
Pelo heroico valor, com que abarbaste
Do gordo Bispo a temerosa sanha,
E dos Leilões na praça, em quanto ás nuvens
A fronte levantar a gram Lisboa,
Entre a terrivel pestilente corja
De Alguazis desalmados, e vorazes,
Com inveja, e louvor, serás de todos
Pelo primeiro Beleguim contado.
Em tanto a Senhoria, que presente
A esta Comica scena sempre esteve,
Chama a Fama veloz, e lhe encarrega
Que a gram nova ao Deão leve ligeira,
Estava então o triste combatido
De alegres esperanças, e temores;
Umas vezes confia, outras receia,
Que o Escrivão medroso não se atreva
A proseguir no empenho começado;
Quando a rapida Fama em seus ouvidos
A nova espalha do feliz successo.
Vós, Filhas da Memoria, que do Pindo,
Concordes habitaes as frescas selvas,
Qual foi seu gram prazer dizei agora.
De Baccho nas solemnes Anthesterias,
As desenvoltas Ménades não correm,
Nyctileo invocando, mais furiosas,
De Deos, e da alegria arrebatadas,

Como o farfante Lara corre as casas
Gritando de contente. Os Moços chama,
E a todos, entre grandes gargalhadas,
Todo o successo narra. Ora lhes pinta
Do arrojado Escrivão a grande astucia,
Ora as vãas iras do cruel Prelado.
Oh geração humana, e quanto és facil
No meio da bonança a engrimpinar-te,
Sem temer, que a pellada má fortuna,
Lubrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as costas, e te mostre a calva !
Tu, oh farfante Lara, em pouco espaço
O viste, por teu mal, tu o provaste :
Pois, quando mais ditoso te julgavas,
De improviso fugio tua alegria,
Qual leve exhalação, que apenas nasce,
Nos abysmo do Ceo desapparece!
Engolfado o Deão nas esperanças,
Que este fausto principio lhe annuncia,
Aos Criados ordena *in continenti,*
Que para festejar o feliz caso,
Uma esplendida Cea se prepare,
E á velha, que tambem de gosto salta,
Com risonho semblante intima, e manda,
Que não fique na grande capoeira
Folego vivo em tão festivo dia.
Não contente com isto, maior prova
De seu immenso gozo dar pertende:
Que bizarro Concerto de preludio
Sirva ao farto banquete, determina,

Da Musica melhor, que ha na Cidade,
E por dar mais prazer aos Convidados,
De Cavallinhos fuscos, depois d'ella,
Na vaga salla, com soberba pompa,
O galante espectaculo prepara.
Então a convidar, saltando, envia
Do Clero, e da Milicia cem pessoas.
Ao passo que estas cousas se fazião,
A despiedosa velha ferozmente
A barbara sentença executava,
Cem Gallinhas, cem Frangões degollando.
Entre todos havia um velho Gallo,
Pai da grande familia, victorioso
De cem feros rivaes, e respeitavel
Pelo roxo esporão, a roxa Crista:
D'este pois, nem sequer o vulto escapa
Da grande mortandade, e com seu sangue
De seu cruel Senhor honra o festejo.

CANTO VII

Entre tanto, surdindo a Noite escura
Do Bosphoro Cimmerio, e despregando
As estellantes azas, envolvia
Todo o nosso Emispherio em densa tréva,
Quando na Casa do Deão triumphante,
Ajuntando-se vão os Convidados.

Vós, Deosas do Parnasso, vós agora
Novo fogo inspirai dentro em meu peito,
Regei-me a voz cansada, e o debil canto,
Por que nelle celebre dignamente
De tão altos varões nomes, e manhas.
O primeiro que entrou na grande sala
Foi o moço Sequeira, que hombreando
C'o Pai sagaz, na usura, e na trapaça,
Lhe sobre-leva muito de avareza.
D'uma sebenta, desbotada fita,
A bengala da dextra traz pendente,
Com que as moscas enxota do Castello,
Apoz este se segue circunspecto
O Noventa-cabellos, conhecido,
Perfido Achates do pomposo Lara,
Homem sizudo, e grave, e o mais callado
De quantos pizão d'Elvas a Cidade,
Excepto o triste, misero Tacanho,
Que gerou, por seu mal, o velho Torres.
Muitos d'elle murmuram (Feia inveja
Quem de teus dentes ficará izento,
Se não te escapa a simples innocencia?)
Que não falla, porque fallar não sabe.
Outros porém mais justos o defendem,
E ás estrellas o sóbem, pois ao menos
Se não sabe fallar, sabe callar-se.
E qual lubrica, negra sanguisuga,
Que afferrando-se á pelle, se não solta,
Sem de todo fartar a cruel sede,
Dos que encontra ás orelhas não se agarra,

E sem antes gastar-lhe a paciencia,
Com questões importunas os não larga,
Como costuma o Zote do Sardinha.
Nas ancas deste entrou esbaforido
O Vellozo, Arithmetico affamado,
Capaz de duvidar até de Christo,
E que tem de loquaz, e de arengueiro
Quanto de taciturno tem o outro;
Elle sabe de *Acclamo* o grande Scholio.
De cabo a rabo, sem falhar-lhe um verbo,
E á força de Pai velho, algum pedaço
Verte em máo Portuguez, do Tridentino,
Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa Jesuitica Syntaxe,
Passa, entre os seus, por homem consummado:
Bom Juiz de Sermões, e Pregadores,
A pezar do atrevido Cazadinho,
Que, por ser o barbeiro do Prelado,
Arrogar este cargo a si pretende.
Pouco tempo depois, ao beque dando,
Entre o vaidoso mulheril Perinha,
Ramo insigne dos Gatos-Rodovalhos,
E chefe dos Pelões da sua Terra.
Então de Senhorias toda a Casa,
Qual d'um picante enxame de mosquitos,
Azoinada se vio: umas da bocca
Em borbotões lhe sahem, outras lhe entrão
Pelas grandes orelhas lisongeiras,

E subindo-lhe ao cerebro, a cabeça
De illustrissimos flatos lhe enchem toda.
Não passou muito espaço, sem que á
porta
Se não vissem chegar ambos os Bichos,
Alegria, e prazer da Elvense Terra;
O Leite, e o Barquilhos, tão famosos,
Aquelle pela teima, com que intenta
Mugir d'um grande Bode as grandes te-
tas,
Este, pela piedade, com que vendo
Jazer em terra morto o bravo Touro.
Que os calções de Camurça lhe rasgára,
Por que o Ceo suas culpas lhe perdoe,
Perdoa em altas vozes, generoso,
O estrago do vestido, e a grave affronta.
Estes, por onde passão mil apodos,
Mil graças, e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador soar se escutão,
Não de outra sorte vio Lisboa, um tempo,
Da vil plebe entre a grande borborinha,
Passear suas ruas hombro a hombro
O celebre Dom Felix, e o Caturra.
Mas outro entrando vem, de insignes
prendas,
Que no engenho, agudeza, brio, e garbo,
Com os dous póde bem correr parelhas.
Afastai, afastai: deixai passa-lo;
Que é o grande Salgado, cujo nome
Por todo o Alem-tejo, em suas trompas,

Com sonoro louvor publica a Fama.
D'elle relata pois a chocalheira,
Que inda o Rol pendurado traz ao collo
Das Moças, que em Mancebo namorára,
Onde com distincção,se lêem seus nomes,
Suas graças, e dotes. Pelos prados,
Que o Hebro cristalino corta, e rega,
Tantas, de Amor captivas, não seguirão
De Thracia o grão Cantor, que a cara es-
posa,
Na solitaria praya descansando,
Duas vezes perdida, em vão chamava,
Quantas o Rol contém, desde a mais bai-
xa,
E roliça fregona, até a Dama
Mais nobre, mais gagé, e mais xarifa;
Hoje porém, que em mais serios estu-
dos,
Os dias gasta, desfrutando a honra
D'a rustica curar gente da vargem,
Inda este frenesi curar não pôde
Nem da Empirica sciencia o grão segredo,
As hervas, cataplasmas tem bastado
Para os males, curar-lhe da cabeça.
Eis outro chega, de não menos fama,
Cavalheiro do porte dos Venegas,
Que muitos infanções por Avós conta.
Este só comerá d'uma assentada,
Sem que papo lhe faça, um Boi inteiro;
E como quem um copo bebe d'agua,

De Caffé, Chocolate, Chá, Sorvete,
D'um trago beberá toda uma pipa.
Elle Ceia não ha, não ha Merenda,
A que prompto não vôe, não assista.
Tão rapida calar das altas nuvens
Não vê o Passageiro em largo Campo,
A grasnadora gralha, o negro Corvo,
Sobre o triste animal, que de cansado,
Em comprido caminho deo a ossada,
Como correr se vê o bom Fidalgo
A' voz, e cheiro do mais vil banquete.
D'esta Canina fóme, que o devora,
De *alarve* lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a Cidade é conhecido.
Nem tu has de deixar de ser lembrado
Em meus versos, Prior da Santa Igreja,
Que Alcaçova ennobrece; tu, que sendo
Um tempo branco, e louro, te tornaste,
Por artes encantadas, negro e pardo.
Este na Sala entrou de loba, e capa,
Mas debaixo do braço, co'a Catana,
Com que em noites de escuro tem brigado
(Se de seu grão valor não mente a fama)
Muitas vezes, com todos os Diabos.
Então tremendo chega a passos lentos.
O longévo potrôso do Saldanha,
Que em régras economicas bem póde
Dar sóta, e az ao Grego Xenophonte.
Para próva do seu contentamento

Se adorna do vestido Domingueiro;
Sobre uma véstia branca airoso traja
Cazaca que foi negra ha quinze lustros;
Os Calções erão pardos, e os sapatos,
As meias, e espadim, e os outros cabos
Em nada do vestido desdizião.
A seu lado marchava o velho preto,
Com a suja panella, em que costuma
Ajuntar as reliquias dos banquetes,
A que assiste faminto, e com que passa
O resto da semana c'o a familia.
Tu tambem, grosso Silva, lustre, e glo-
ria
Da tua Patria, antiga Torres-vêdras,
Doutor em Anno-historico, não foste
Dos ultimos, que entrou na rica sala.
Estes, e outros varões de igual calibre,
Dignos todos de fama, e maravilha,
Honrárão nesta noite a grande festa:
Mas da justiça o amor me não consente
Que eu deixe vossos nomes envolvidos
Entre a treva, que espalha somnolenta
A agua estôfa do sombrio Lethes:
Bolorento pão ralo, e tu, que fallas
A lingua da Mourama, oh bom Gonçalo,
E que os Melões, e Peras almotaças,
Com tanta rectidão ao Povo d'Elvas,
Quando empunhas severo a rubra vara.
Junta em fim a selecta Companhia,
O vistoso Salão em torno c'roão.

Então ao Coro, que esperando estava,
Deo sinal o Deão, e uma Sonnata
De Cravo, de Machete, e Castanholas
Da Orchestra estrepitosa foi preludio,
A que um Duo se segue, cousa rara!
E que igual nunca vio em seus theatros
Milão, Veneza, Napoles, Florença.
O grande Eugenio, e o famoso Felix
Forão os dous *Virtuosos*, que o cantárão.
Se tu, oh estremada Zamperini,
Que em Lisboa os Casquilhos embaraças,
Seus suaves accentos escutáras,
Passages, e volatas, bem que as Graças
Lisongeiras te cerquem, e derramem
Em teu peito, e garganta mil encantos.
Com que as tres filhas d'Achelôo vences,
Quantos novos encantos aprendéras?
Depois o Vidigal ligeiro toma
Uma Bandurra que na Orchestra estava,
Por mão de insigne Mestre trabalhada:
Nella se vião, sobre a branca faya,
De marfim embutidas, e páo santo,
As folìas do filho de Semele,
Quando, do Ganges triunfando, á Grecia,
Entre ledos tripudios se tornava.
Estava o gordo Deos alli sentado
N'um grande Carro, que virentes parras,
Contra os raios do Sol, todo toldavão;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jorro de liquor vermelho,

De throno lhe servia; e o Moço imberbe
C'o o verde thirso, c'uma mão picava
Os dous acesos mosqueados Tigres,
E c'o a outra chegava á seca boca
De saboroso sumo um cheio vaso.
Apoz elle se via debuxado
O bebado Sileno, sobre um ruço,
E cansado jumento: de verde hera
C'roada a fronte tinha o semi carpo:
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos olhos dos que o vem, se representa,
Que balançando o semi-deos cahia,
C'os fumos, que a cabeça lhe toldavão:
De foliões Silenos uma tropa,
Quasi para o soster, o rodeava,
E sobre ella lançava o bom Sileno,
Todo risonho, os mal-abertos olhos.
Precedião o Carro desgrenhadas
Mil Bacchantes, e Satyros lascivos,
Dando nos ares descompostos saltos.
Uns tocavão bozinas retorcidas,
Outros rijos adufes, e pandeiros.
  O Vidigal, pegando no instrumento,
Se encommendou ao Deos, a quem amava,
E dando á escaravelha largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz, com que costuma
Levantar os Mementos nos enterros.

Com tão grande attenção não pendem
promptos
Do novo Batalhão da Elvense Terra
Os marciaes soldados, na parada,
Da voz agallegada do Malifa,
Quando o manejo, á falta d'homens, rege,
Como a festiva Companhia pende
Dos duros bérros do Cantor famoso,
Que da Patria em louvor, assim dizia:
«Oh grande Elvas, Cidade em todo o tempo
Por teus famosos filhos memoranda!
Hoje até ás estrellas meus accentos
Teu nome levarão, e tua fama:
Mas d'onde a minha voz a teus louvores
Dará principio? Tu, oh brincão Baccho,
Como tens por costume, tu me inspira.
Mil, em silencio deixarei, successos,
Em mais remotos tempo celebrados,
Que tua gloria illustrão; pois não póde
Um engenho mortal todas as cousas:
E a louvar passarei do teu Senado
A rara, e nunca-vista Economia,
Com que no velho, já rachado sino,
Por se acharem as rendas do Concelho
Em luminarias, lutos, e propinas,
Todas (em seu proveito) consumidas,
Quatro gatos mandou lançar de ferro.
Com tal arte feria o Cantor déstro
Do pequeno instrumento as tezas cordas
(Acompanhando o som, com que cantava

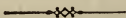
Este estupendo gracioso caso)
Que ao bater das pancadas, parecia
Que se ouvião no sino as marteladas.
«Que direi (proseguio) da subtileza,
Com que mandar gravaste sobre a porta,
Que tem de *Esquina* o nome, em negra
pedra,
Por que ninguem a lêl-a se atravesse,
A famosa inscripção, em negras letras?
Mais intrincado, mais escuro enigma,
Que o que nas portas da famosa Thebas,
Por destino fatal, aos peregrinos,
Feroz propunha a monstruosa Sphinge.»
Aqui, para tomar maior alento,
Um pouco se callou: e em alvo pondo,
Como quem pensa em cousas mais pro-
fundas,
Os turvos olhos, préga um grande escar-
ro;
Com que assustou os Circunstantes to-
dos;
E de novo começa: «Oh! se eu lograsse
A grande dita de nascer em Roma,
E alli, na tenra idade, me tivessem
Qual misero, e novel frangão castrado,
Que então só dignamente, em fino tiple,
Qual Achilles, nas Operas d'Italia,
De teu grave Senado cantaria
A acção maior, que virão as Idades!
Tu, oh Povo miudo, e Povo grosso,

Que dos Touros ao barbaro combate,
Presidido dos serios Magistrados,
Lá na Praça assistias galhofeiro,
Tu testemunha foste; e no futuro
Testemunha serás, que eu não matizo
Com falsas cores o notavel feito,
Fallo da profusão, com que lançárão,
Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
Com que a Fama espalha vagamente
A noticia dos Régios Desposorios
Da Princeza Real, Real Infante,
Depois de terem feito bem o papo,
As reliquias da prodiga Merenda,
Sobre as cabeças da apinhada gente.
Então (cousa pasmosa!) os óvos molles,
Arroz doce, Cidrão, e Leite crespo
Cobrirão n'um instante toda a Praça,
Que o povo, ás rebatinhas, apanhava,
De toda a parte então chover se vião
(Qual nas tardes de Mayo, quando Jove,
Com a rubida mão dardeja irado,
Por entre as negras condensadas nuvens,
Com medonho fragor torcidos raios,
Cahe a grossa saraiva, enchendo os Cam-
pos)
As pélas do tostado Manjar branco.»
Aqui chegava, quando os Convidados,
A quem de tantos doces a lembrança
Tinha feito crescer agua na boca,
Da demóra da Ceia impacientes,

E da fóme voraz estimulados,
Em tropel se levantão, e lançando
Pela terra cadeiras, e instrumentos,
Corrêrão para a meza, onde scintilla
Nos dourados cristaes, nos finos pratos
A radiante luz de cem bugias.
O primeiro que occupa a Cabeceira
E' o tolo Aguilar: sem comprimento
Entra logo a cevar a féra gula:
Exemplo, que os mais seguem vorazmen-
te.
Brilha nos cópos o rosado sumo,
Que desterra a cruel melancolia
Da meza festival,—reina a Saude!
Mas de todos tu foste, oh gram Gonçal-
ves,
Quem as primicias cólhe: todos brindão
A teu grande valor, á tua astucia:
Em quanto tu, no collo recostado
Da prezadaConsorte,entre os seus mimos,
Do bispo, e do Deão te estavas rindo.
A Alegria reinava em toda a meza:
Mil chistes, mil apodos, mil pilherias
Giravão sem cessar: sua Excellencia
De todos era o alvo: todos nelle
Malhavão satisfeitos, e contentes,
Posto que era malhar em ferro frio.
Uns a brilhante escolha lhe louvavão
Dos Synodaes Theologos, do Arronches,
Eximio Prégador, que leo inteiro

O Livro dos conceitos predicaveis,
O Zodiaco sob'rano, e outros muitos,
Que na Escola Capucha estão em preço,
Do Guardião dos Capuchos, do Roquete
Thomista petulante, e confiado.
Outros a prepotencia celebravão,
Com que de motu proprio, um pobre lei-
go
Despejar promptamente fez, das Casas,
Para nellas viver o seu barbeiro.
Este a grande filaucia encarecia
Com que a Portuense mitra na cabeça,
E seu bago reger já se suppunha,
Officios repartindo, e Dignidades.
Aquelle murmurava da arrogancia,
Com que Ministro eleito á grande Roma
A julgar-se chegou, e rodeado
De Pages petulantes, e Lacayos,
Já o Tibre assoberbar, e as verdes mar-
gens
Em malhados frizões imaginava.
E todos, sem respeito, blasfemavão
Da fatal ignorancia, ou liberdade,
Com que a pezar dos Canones sagrados,
Beneficios curados entregava
De avaros Regulares entre as garras.
Nem tu, gentil Roupão de fresca chita,
Com que á grande janella empanturrado
Da inutil, ociosa Bibliotheca,
Nas noites de Verão a calma passa,

A's suas tezouradas escapaste.
 Entre tantos motejos, só, callado,
Chupando os dedos, e roendo os ossos,
Comia, e mais comia o Dom Alarve:
E algum caso fatal,de quando em quando,
Todo cheio de espanto, recontava
Do anno historico, o grosso, e torto Silva,
Quando, subitamente (caso horrendo!
Que as carnes faz tremer ao repetil-o!)
O velho Gallo, que n'um prato estava,
Entre frangãos, e pombos lardeado,
Em pé se levantou, e as nuas azas
Tres vezes sacudindo, estas palavras,
Em voz articulou triste, mas clara:
—Em vão, cruel Deão, em vão celebras
Com nosso sangue o prospero successo,
Que a futura victoria te promette:
Que por fim cederás a teu contrario.—
 Disse: e cahindo sobre o grande prato.
Sem mexer-se ficou. Neste momento
Um gelado suor dos Circunstantes
Banha as palidas faces; os cabellos
Nas frontes se lhe erriçãο: largo espaço
Immoveis ficão, sem dizer palavra,
Mas o perdido espirito cobrando,
Se levantão tremendo, e pela terra
A recheada meza baqueárão:
Tres vezes se benzêrão c'o a mão toda:
Tres vezes, mas em vão, esconjurárão

O fatal Gallo, que jazia morto;
E mil, a infausta Ceia, dando ao Démo,
Se forão, sacudindo os calcanhares.

CANTO VIII

Na superior instancia introduzida
A grande Appellação, ardia a guerra.
Dous Rabulas famosos trabalhavão
Em offuscar das Partes o direito.
Quantos rançosos livros, que jazião
Sepultados em pó, meios-comidos
Da cruel, e voraz, maligna traça,
Tornárão outra vez a vêr o dia!
A Excellencia, a Discordia, a Senhoria,
Cada uma de per si os excitava:
E sobre tudo a fome devorante
Do luzente metal, que o Mundo encanta,
De papel muita resma, em letra grifa,
Onde, a montões, os Textos, os Doutores,
Sem ordem, e sem tempo se allegavão,
Cada qual, de si pago, tinha escrito.
Quando o Genio feroz das Bagatellas
Uma fiel balança nas mãos toma,
E n'um dos aureos discos põe attento
As razões do Deão, n'outro as do Bispo;
E vendo que estas tinhão maior pezo,
Talvez por terem mais papel, e tinta,

Por um geral Edicto á Corte chama
Os vaidosos Magnates, e em senzala,
Com féra continencia, assim lhes disse :
«Nunca apensar cheguei, que em meus vassallos,
Que do orbe a estimação, e o ser me devem,
Teu louco algum ouvesse, e tão ingrato,
Que combater ousasse meus projectos !
Mas o tempo, que a todos desengana,
Me mostrou quanto errava, e quão perdidos
São, com ingratos, grandes beneficios!
Este enorme attentado merecia
Um castigo exemplar; mas a Clemencia,
Companheira fiel do meu Imperio,
A espada me suspende, na esperança
Da prompta emenda.» Aqui fitando os olhos
Na pallida, e confusa Senhoria,
D'esta sorte prosegue em seu discurso.
«E' pois minha vontade, ordeno, e mando
Sob pena de incorrer no desagrado
Do meu Real Favor, de abrir os olhos
Do mundo fascinado, e de mostrar-lhe
Que nada tem de real vossas Pessoas;
Que todos são fantasticas Chyméras :
Que nenhum de vós-outros se intrometta
No famoso litigio que hoje corre
Entre o Bispo, e Deão da Igreja d'Elvas.»

Sevéro, isto dizendo, se retira,
Deixando a todos tristes, e confusos.
Mas a vãa Senhoria, que conhece
A quem as ameaças se encaminhão,
Vendo, por este modo as mãos atadas,
Para seguir o empenho começado,
A carpir, se retira, n'um deserto,
Sua grande desgraça, envergonhada,
Entre tanto o Deão confuso, afflicto
Passava as horas, na memoria tendo
Do lardeado Gallo o infausto annuncio
Pouco e pouco a cruel Melancolia
O devora, e consome; não graceja,
Como d'antes usava, co' a familia:
Mas em seus pensamentos abysmado
Comia pouco, pouco repousava,
Nem joga, nem Caffé, nem Chá bebia.
No pico d'um rochedo solitario,
Entre as trevas da noite carregada,
Tão lugubre gemer de quando em quando,
O feio, e rouco Mocho não se escuta,
Como o pobre gemia retirado
No escuro canto d'uma nua sala.
Então a zelosa Ama, a quem penetra
Do afflicto Patrão a grave pena,
Um dia lhe fallou por esta fórma :
—Que tem, Senhor Deão? que magoa é essa,
Que tão mudado o traz do que antes era?
Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!

Essa cara, Senhor, que n'outro tempo,
Era cara de Pascoas, tão alegre,
Tão gorda, e Reverenda, tão affavel,
(Até para os seus Servos) tão mudada
Está do que já foi, que hoje parece
Uma cara de angustias! Não socega;
Mas em triste silencio sepultado,
Nem toma o seu Caffé, nem joga o Wisth!
Supponho que lhe dérão mal de olhado!
Ah! se esse fôr seu mal, prompto remedio
Em mim encontrará: pois do quebranto
Sei benzer, e curar por mil maneiras:
Porém, se a causa é outra, não m'a occulte;
Que talvez lh'eu descubra algum alivio:
Pois, mil vezes, na planta desprezada,
Está de grave enfermidade a cura.—
«Ama (diz o Deão) para que é tonta?
Por ventura não sabe o grão litigio,
Que trago com o Bispo; em que meu brio,
O meu ser, minha gloria se interessão?
Não se lembra tambem do infausto agouro
Do lardeado Gallo? Que mais causa
Em mim pertende pois de viver triste?
Oh! se os Astros crueis tem ordenado
Que eu a demanda perca, de repente
Me verá estalar sem frio, ou febre,
Entre as barbaras mãos d'este desgosto.»
—Senhor Deão (replica então a Ama)

Se da sua tristeza é essa a causa,
Tem por certo razão para affligir-se:
Supposto, que não é o mal tão grande,
Que não possa remedio ter ainda.
Eu, sendo moça, instituida
Fui nas artes da Madre Celestina,
Pela velha Canidia: muito trato
Tive então com o sabio Abracadabro,
Famoso Encantador, que ainda vive,
Não longe d'este sitio, n'uma gruta.
Este estupendo Magico conhece
Das pedras, e das plantas as mais raras
As occultas virtudes; sabe a lingua
Das Aves, e Animaes; com seus conjuros
Muda as louras searas; sobre a terra
Mil vezes faz descer trovões, e raios:
Arranca do alto Ceo a branca Lua:
Em negro Urso mil vezes se converte,
Mil em Lobo Cerval, e mil em Touro:
Este pois mudar póde do Destino
As Leis, e a Natureza; e mentiroso
Tornar (se lhe parece) o triste agouro
Do diabolico Gallo. A consultal-o,
Se fôr do seu agrado, iremos ambos.—
Disse: e o Deão suspenso largo espaço,
Sem saber resolver-se, mudo fica.
Umas vezes se anima, outras receia
Do Magico feroz o horrendo aspecto.
Não de outra sorte está Carvalho annoso,
Que em torno, pelo pé, sendo cortado,

Pendente d'um só fio, com a quéda
Cem partes ameaça, e a verde cópa
A nenhum por longo tempo inclina.
Finalmente, o desejo da victoria
Vence o frio temor. Tanto em seu peito
Póde a Raiva, póde a cruel Vingança!
Dando um grande gemido, estas palavras
Do mais intimo d'alma afflicto arranca:
«Vamos, Ama, buscar o grande Sabio;
E veremos se tem meu mal remedio.»
Era alta noite, e a terra esclarecia
Com duvidosa luz a branca Lua,
Quando o Deão, pela Ama conduzido
A um monturo se foi, onde ambos juntos
Se despem promptamente, e untando o corpo
Com sangue de Morcego, e de Toupeira,
Sobre sordidas pennas se espojárão.
Então o corpo todo agita, e move
Com medonhos esgares, e rosnando
Em baixo som, por entre os podres dentes,
Certas palavras a espantosa Velha,
Ao farfante Deão diz açodada:
=Voemos.=E n'um ponto (cousa rara!
E que igual nunca fez Juan de las Vinhas)
Pelos ares voárão livremente,
Procurando do Archimago a morada.
Do Alcaçova o Prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então a casa

Do Nunes Bacchanal em companhia,
D'um puchativo escalda, se tornava,
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante Durindana.
E o capote traçando velozmente,
Põe-se no reto, parte, atira um furo,
Faz pé atraz; mas tropeçando acaso
N'um podengo, que á força de pedradas
Os travessos rapazes tinhão morto,
De costas se estendeo na dura terra,
Coberto de vergonha, esterco, e lama,
Então mais furioso se levanta;
E c'um golpe mortal a partir torna.
(O Pejo, e o Furor lhe dóbra as forças !)
Berra, salta, esconjura, põe preceitos,
Sem descançar, talhando os subtis ventos;
Mas tudo em vão; que leves, e seguros,
Nadando pelos ares, se sumirão
Os novos Antropógriphos nas nuvens.
Tu só, n'esta aventura, infeliz Nunes,
Provaste a furia do pezado braço;
Pois, ao vibrar um talho o Dom Quixote,
C'o rabo te chegou da rija espada,
Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.
Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste Abracadabro, a quem patentes

Os profundos mysterios da Cabala,
E todas as leis são da Onomania.
Mil Globos, mil Compassos, mil Quadrantes
Confusos jazem no sombrio alvergue:
Alli Bethyles ha, ha Chelonites,
Corações de Toupeiras, ha entranhas
De vãos Camelões, ha pedras d'Ara,
E magicos espelhos, ha cabeças
De mortos animaes , Lameiras Virgens,
Hipomanes, Mandragoras,e outras hervas,
A' luz colhidas da nascente Lua,
Nas campanhas do Ponto, e da Thessalia.
Aqui Ama, Deão descem, a tempo
Que á mal-accesa luz d'uma Lanterna,
Um Talisman o Magico compunha.
Ao feio aspecto do fatal hospicio,
As carnes ao Deão se arripiarão.
Começa a vacillar: mas a malvada
Velha Bruxa o segura, alenta, anima,
Entrão pois onde o sabio trabalhava,
E prostada por terra a vil Carcaça,
Desta fórma o silencio interrompia:
Famoso Abracadabro, a cuja illustre,
Alta sciencia os Fados concedêrão
Dominar Elementos, e Planetas,
Este que vês (eu creio o não ignoras)
E' o nobre Deão da Igreja d'Elvas,
Pelo arrogante Bispo perseguido:
Do teu grande poder se chega ás abas.

Com o gordo Prelado, e seu Cabido
Uma demanda traz: para vence-la
Tuas artes procura. Ah! se algum dia
Com teu alto favor benigno honraste
Esta Serva fiel, por elle mesmo
A teus pés humilhada hoje te peço,
Que o queiras amparar: elle o merece
Por triste, e desvalido, e pelo grande,
E profundo respeito, que tributa
A teu alto Saber, ás tuas barbas.—
Aqui o Velho Magico lhe torna:
«Nada do que tu dizes me é occulto:
E por elle, e por ti provar intento
Quanto minha arte póde.» Isto dizendo
Todos tres se sahirão da caverna,
E á mal-distincta luz da frouxa Lua,
Sobre a raza Campanha Abracadabro,
Com uma curta vara, quatro linhas
De circulos pequenos logo traça:
A estas linhas junta tres fileiras
De outras, iguaes em tudo, quatro linhas;
E entre si alguns circulos unindo,
D'ellas varias figuras prompto fórma:
Umas se chamão Mãis, as outras Filhas,
Testemunhas, e Arbitros. Isto feito,
Diversas hervas queima, e murmurando
Tres vezes, ao redor, certas palavras,
Começou a tremer toda a montanha,
Cem espantosas féras, cem serpentes
Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo,

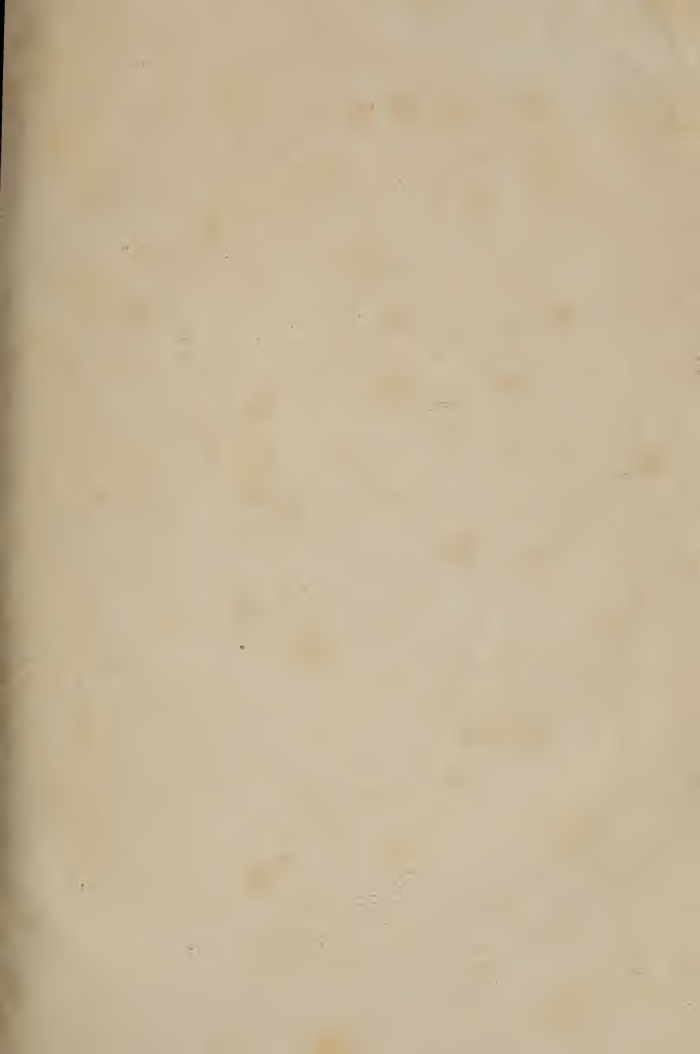
Então na frente do Deão pellado
Os cabellos, que ainda lhe restavão;
Em espetos se tornão, pelas veias
Subitamente o sangue se lhe géla.
Mas quando vio sahir da rude furna,
Horrendamente uivando, um cão medo-
nho,
De negro, espesso, retorcido pêllo,
Que lança pelos olhos triste fogo,
E chegar-se do Magico ás orelhas,
De todo perde a côr, o alento perde:
Tres vezes quiz fugir, e tres o Medo
Os passos lhe embargou e immovel fica,
E semi-vivo respirar não póde.
Passado finalmente um breve espaço,
Com horrendo fragor se abre a Terra,
E crepitantes chamas vomitando,
Em seu ardente seio o monstro esconde.
Então, deixando o bruxo o féro encanto,
Para o Deão se volta, e n'estes termos
Com feia catadura lhe responde:
—Em fim não ha remedio: nada pódem
C'o Fado inexoravel meus conjuros:
Nos duros diamantes tem escrito
Que a lide perderás.—A estas vozes
Todo o valor cedeu do heroico Lara;
Começou a tremer, e sobre a terra
Sem alentos cahio, e sem sentidos,
Sobre elle se debruça a torpe Velha,
Chorando amargamente. Abracadabro

A' gruta corre, d'onde, compassivo
Trazendo um negro frasco, todo cheio
D'um espirito vital,lh'o arruma ás ventas,
Então um gram suspiro derramando
O Deão abre os olhos, e começa
A cobrar os alentos, que perdêra.
Por largo espaço o deixa o Nigromante
Repousar em descanço, até que ao vêl-o
De todo do desmaio recobrado,
Com mofa,e compaixão assim lhe falla:
—Não cuidei, que tão pouco esforço tinhas,
Preguiçoso Deão, imbelle, e fraco;
Que uma sentença contra ti vibrada
Te fizesse perder de todo o alento:
Mas és Cónego em fim, e tanto basta!
Ignoras tu acaso que as desgraças
Pedras de toque são, onde os quilates
Das grandes almas sempre resplandecem?
De mais, que os duros Fados tão injustos
Não são para comtigo, que vingança
A teus grandes aggravos não permittão:—
Ao echo da vingança o antigo esforço
Cóbra o pallido Lara: e alvoroçado
Esta pergunta faz ao velho bruxo:
«E que vingança é essa, Abracadabro,
Que o Fado me promette?» Então o sabio
Com severo semblante lhe responde:
—Virá a succeder-te no Deado

Um novo Heróe da tua mesma raça.
Este, sendo tambem indignamente
Pelo orgulhoso Bispo injuriado,
Porque á porta recusa do Cabido
Ir, como tu, a offerecer o Hissope,
Para em salvo se pôr de seus insultos,
Deixando, sabiamente aconselhado,
De venaes Magistrados o recurso,
Refugio buscará nas santas Aras
Onde Themis preside, e firme asilo
Achão contra a violencia os Opprimidos.
Os Ministros da Deosa, que zelosos
De seu altar, e culto, attentos seguem
As pisadas do Principe famoso,
Que dando ao Sacerdocio,ao Sceptro dando,
O que é do Sacerdocio, o que é do Sceptro,
Tem de ambos os poderes felizmente
As sagradas balizas assignado,
E defendem com prompta vigilancia
Da Real Jurisdição os justos termos:
Ao Bispo mandarão, por seu Decreto
Que a razão d'este excesso logo assine.
A' fatal vista do imprevisto golpe,
Tão consternado fica o bom Prelado,
Que com fraqueza vil dolosamente
(Acção bem digna só d'um homem indigno!)
Do livro mandará riscar as multas:

Negará tel-as feito, e negaria,
Se necessario fosse, o mesmo Christo.
Então desistirá, cheio de medo,
Da pertendida posse, e seus direitos:
E a pelle convertendo na apparencia,
De féro Lobo, se fará Cordeiro.—
Disse: e o Deão, de ouvil-o satisfeito
Mil graças dava aos Fados, dava ao Sabio,
Mil á Velha, que a vêl-o o conduzira.
Já a Aurora, deixando enfastiada
Do potroso Titão o frio leito,
Sobre o Carro, de aljofres guarnecido,
Com um molho de rosas excitava
Ao veloz curso as remendadas Pias,
Que os freios mastigando de diamante,
Por olhos, e por ventas scintillavão
Tremulos raios, que de luz cobrião
Os longo-apavonados horizontes:
Quando a Velha, o Deão, ambos deixando
O grande Abracadabro, e sua gruta,
A descansar da longa ameijoada,
Para Casa velozes se partirão.
Era já alto dia, e retumbava
Em alegres repiques Elvas toda,
Quando o Deão acorda ao grande ruìdo,
E chamando os Criados lhes pergunta,
Qual do grande Zão-Zão era o motivo.
Então o Cozinheiro, debulhado
Em lagrimas, lhe conta, que a noticia

De ter vencido o Bispo o grande pleito,
Que trazia com sua Senhoria,
Tinha, ha pouco, chegado por um Proprio:
Que em todas as Igrejas não havia
Sino grande, Matraca, ou Campainha
Que, em sinal de prazer, se não tocasse.
Acabou o bom servo a triste arenga,
De seu peito exhalando um grão soluço:
Mas sua Senhoria consolado,
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouvio a infeliz nova.

FIM

Acha-se á venda no estabelecimento

DE

SALGADO & C.ª

54, Praça de D. Pedro, 55

PORTO

PREÇO... 100 REIS